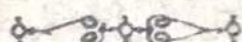




**OPUSCULOS CATHOLICOS**

**N. 2**



**CATHOLICISMO**

— E —

**PROTESTANTISMO**

POR

**Dr. Francisco de Macedo Costa**

**3.<sup>a</sup> Edição**



**BAHIA**

**Typ. de S. Francisco**

**OPUSCULOS CATHOLICOS**

**N. 2**



**CATHOLICISMO**

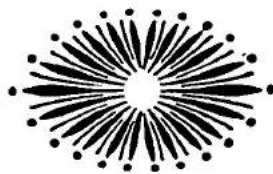
— E —

**PROTESTANTISMO**

**POR**

**Dr. Francisco de Macedo Costa**

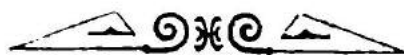
**3.<sup>a</sup> Edição**



**BAHIA**

**Typ. de S. Francisco**

**1929**



*Nihil obstat.*

**Fr. Philotheus Slepmann,**  
Cens. Dioc.

-----

*Reimprima-se.*

Bahia, 24 de Dezembro de 1928.

**Mons. Castro,**  
Vig. Ger.





**I Parte**  
**A Egreja de Jesus Christo**









## I

# CREDIMUS!

**C**REMOS, primeiramente, que, sendo necessaria ao homem uma religião verdadeira, esta religião não podia deixar de ser-nos revelada pelo proprio Deus.

Com effeito, a razão humana, tal qual ella é, ignorante, sujeita ao erro, esbarra e titubeia em face do infinito e não pode sosinha sondar-lhe as profundezas; a razão humana não logra por si mesma fixar, de um modo certo, todas as doutrinas *necessarias* acerca de Deus, de nossas relações com elle, antes deixada a si propria, fluctua em triste incerteza, em tormentosa duvida sobre o modo por que esse Supremo e Infinito Creador quer ser de nós honrado, como provam as tristes aberrações religiosas de que tem sido victima a humanidade.

Portanto, sendo necessaria ao homem uma religião verdadeira, necessario é tambem que Deus revele, elle mesmo, ao homem essa verdadeira religião.

Cremos, pois, em um Deus revelador, isto é, em um Deus que quiz tento a humanidade, que se dignou manifestar-lhe sua suprema vontade, e tornal-a participante de sua sabedoria e de seu amor: *Credimus*.

*Cremos*, em segundo lugar, que essa verdadeira Religião revelada por Deus deve ser de todos reco-

nhecida e abraçada na totalidade de seus dogmas e preceitos sem excepção deste ou daquelle.

« Como ! » exclama um grande escriptor, « revelará Deus ao homem verdades ao homem necessarias, e não seremos obrigados a crêr em Deus, e ficaremos senhores de rejeitar verdades que Deus nos revela ? Então, para que serve a Revelação ? Melhor fóra guardasse Deus silencio, se os homens são livres de desmentir, de reformar-lhe os ensinios, de dizer-lhe : Nós melhor te conhecemos do que tu te conheces a ti mesmo.

Ora, tal é a liberdade dada pelo systema da tolerancia. Pois, escorar-se no pretexto de obscuridade para conservar suspensa e sem efficacia a auctoridade da Revelação, cujo objecto é dissipar as duvidas do espirito humano sobre as verdades que deve crêr, é evidentemente contradizer-se, é zombar dos homens e de seu auctor ».

Creemos, pois, que é necessario admittir toda a palavra de Deus, sem excepção, nem limitação alguma : *Credimus*.

*Creemos*, em terceiro lugar, que Deus, tendo falado muitas vezes e de muitos modos noutro tempo a nossos paes, pelos prophetas, ultimamente.... nos falou pelo seu Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez tambem os seculos ; o qual, sendo o esplendor da gloria de seu Pae, e a figura de sua substancia, sustentando tudo com a palavra de sua virtude, havendo feito a purificação dos peccados, está sentado á direita da infinita Majestade nas alturas . . . . » (1)

Sim, cremos em Jesus Christo, Filho de Deus, cre-

---

(1) Hebr. I, 1.

mos em Jesus que veio realmente aqui ao mundo ensinar-nos a verdadeira, completa, perfeitissima religião de Deus, confirmando sua divindade com estrondosos milagres; em Jesus Christo, vulto radioso, incomparavel, que enche a historia do mundo, Deus-homem, Deus-victima, suppliciado sublime, deante de cujo patibulo ensanguentado a humanidade cahiu de joelhos no extasis da adoração e do amor!

Não, evidentemente a humanidade inteira, aquelle mundo grego, aquelle mundo romano, então no auge da mais esplendida civilisação, aquella sociedade composta, como a de hoje, de pessoas de todas as classes e condições, philosophos, oradores, commerciantes, artistas, militares, empregados publicos, lavradores; gente de senso como nós, pensando, raciocinando, discutindo, como nós hoje pensamos, raciocinamos, discutimos, não haviam de adorar como Deus um Judeu morto na cruz, condemnado á pena ultima por sentença de um governador romano e pelo Supremo Tribunal de sua nação; não haviam de adorar, é impossivel que adorassem, um pobre suppliciado lá de um canto da Judéa, como hoje a Europa civilisada não adoraria como Deus um homem enforcado numa obscura povoação da America: fôra impossivel, fôra absurdo, fôra loucura!

Não, ainda uma vez, o mundo inteiro não se prostraria como se prostrou, deante de um suppliciado, chamado Jesus; onze milhões de martyres não derramariam o sangue para attestar a divindade de Jesus, e a sua Cruz não seria arvorada como um symbolo de gloria sobre as soberbas alturas do Capitolio, se a vida e a morte do Filho de Maria, se a prêgação dos pobres e rusticos pescadores que o annunciaram, não fossem assignaladas pelos prodigios mais estron-



dosos, mais publicos e authenticos, de modo a render e deixar convencida a mais rebelde incredulidade. Com effeito, a conversão do mundo sem milagres fôra o maior de todos os milagres, como observa Santo Agostinho.

E', pois, uma verdade: o mundo tocou, apalpou o facto divino: *O que vimos e palpamos as nossas mãos* (1). O mundo sentiu o abalo de uma immensa e sobrenatural manifestação do Poder e da Misericordia infinita. A vinda do Homem Deus é um facto, um facto culminante, que domina toda a historia do genero humano; e todos os tempos lhe dão testemunho: quarenta seculos antes do seu nascimento, dizendo:—Ha de vir o Christo-Deus! dezenove seculos depois de seu nascimento, clamando ainda mais alto:—O Christo-Deus já veio!

Esta é a nossa fé: *Credimus*.

\* \* \*

*Creemos*, em quarto lugar, que Jesus Christo fundou uma Igreja. Notae, é um Deus que funda. Instituição que Deus funda ha de por força atravessar inviolavel a torrente marulhosa dos seculos até as immensas eternidades.

Mudam, variam, mingnam, e por fim perecem e afundam-se as coisas humanas, porque são humanas, obras caducas como quem as faz. Mas, quando Deus diz:—«Eu fundo uma sociedade, meu poder infinito está com ella para sempre»,—esta sociedade, haja o

---

(1) João 1, 1.

que houver ha de viver, ha de prosperar, não pode ser mudada, nem corrompida, nem destruída. É certo. Nem que se empenhem nisto todos os elementos de opposição do mundo e do inferno em peso; porque nada prevalece contra Deus.

Tal é a Igreja de Jesus Christo. Elle disse: *Eu fundarei a minha Igreja*, isto é, uma sociedade de homens encarregados de ensinar, diffundir, sustentar, e praticar minha religião: *Ædificabo Ecclesiam meam*; uma só Igreja, não muitas. *E as portas do inferno*, isto é, as potencias do abysmo, todos os esforços da perversidade humana e diabolica, *não prevalecerão contra ella* (1). *Foi-me dado todo o poder no céu e na terra; ide, pois, revestidos desse poder, e instrui a todos os povos baptizando-os... eis que eu estou convosco todos os dias até a consummação dos seculos.*

Palavras de Deus, Irmãos carissimos! Palavras de Deus! O céu e a terra passarão, mas estas palavras não passarão.

Ouve, pois, oh louca impiedade! Alguns membros da Igreja podem macular-se de crimes; alguns sacerdotes podem beber, ao mesmo tempo, no preclaro calix de Jesus Christo e na taça immunda do demónio; ai! que até nas fileiras do Apostolado se podem encontrar Judas! Não ha duvida.

Mas, a Igreja nunca ha de cessar de profligar e condemnar os erros, desordens, crimes e sacrilegios

---

(1) Math., XVI, 18.

de seus filhos e de seus ministros e, ainda que elles pequem, ella não pecca; ainda que elles errem, ella não erra. A Igreja não pode ensinar heresias; a Igreja não pode sancionar crimes. Se, em seus canones, em suas constituições, nos seus actos solemnes e publicos se afastasse das normas da verdade e da justiça, tornar-se-ia uma sociedade perversa; não seria mais a Igreja de Jesus Christo. O Espirito de Deus não estaria mais com ella, a protecção divina seria interrompida, baquearia por terra o edificio divino, e Satanaz triumphante daria estridentes risadas, tripudiando sobre as ruinas. Isto é impossivel. A promessa do Senhor ha de cumprir-se. Jesus Christo edificou sua Igreja sobre fundamento inabalavel: *Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja.*

*Está com ella; defende-a com todo o seu poder, sem falha, sem interrupção alguma, até o fim dos seculos, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella.*

Não, nem Papas, nem bispos, nem padres, como dizem cegos sectarios, nem quanto Oriente maçonico ha no mundo, nem todas as forças combinadas do schisma, da heresia e da impiedade, nem uma conjuração desesperada de quantas potencias infernaes se agitam nas escuridões do abysmo, poderão jamais corromper, desvirtuar, destruir a Igreja divinamente fundada sobre Pedro.

Quem não crê nisto não crê na palavra de Jesus Christo, e, por conseguinte, logicamente, deve renegar o baptismo.

Nós cremos: *Credimus.*

*Creemos, em quinto lugar, que esta Igreja, esta sociedade religiosa fundada por Jesus Christo, é a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, porque só esta Igreja está, de facto, fundada sobre S. Pedro como Jesus Christo affirmou que fundaria a sua: Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja: **Ecclesiam meam** (1).*

Uma sociedade qualquer tem o seu fundamento no poder central, na suprema auctoridade que a dirige, organisa-a, e dá-lhe a forma que a constitue tal.

Qual é o fundamento, a base desta sociedade politica que se chama Brasil? E' sem duvida o governo central, que tem por missão conchegar as diversas partes deste grande todo social, e dirigil-as harmoniosamente para um fim commum, a prosperidade nacional.

Tirae esse governo, esse poder central, seja elle qual fôr, a associação politica desmorona-se; cessa de existir o edificio nacional brasileiro.

Portanto, quando Jesus Christo estabeleceu S. Pedro fundamento da sua Igreja, foi o mesmo que constituil-o chefe supremo, centro regulador do governo della, foi o mesmo que revestil-o de uma soberana auctoridade, de um primado indefectivel, permanente, que manteria para sempre a unidade desta grande associação religiosa, que elle veio fundar sobre a terra, e que devia conservar-se sempre uma e a mesma, atravez dos seculos e entre todas as nações: *Ædificabo Ecclesiam meam. Ut sint unum!*

E isto é o que significa aquella divina palavra:

---

(1) Math. XVI, 18.



*E eu te digo a ti, que tu és Pedro (na força do texto tu és Pedra) e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja.* Como se dissera Jesus: Até aqui todos te chamavam Simão, filho de João; porque eras um pobre homem, fragil, mudavei, inconstante, sujeito ao erro e á morte. Mas eu que sou Deus, e cuja palavra realisa logo o que significa, *Eu te digo a ti que tu és Pedra*; mudo-te o nome, porque te mudei a condição; terás em ti agora, apesar de tua fragilidade, um elemento rijo, forte, inabalavel, imperecível, que vae sustentar a minha Igreja immortal; como o alicerce sustenta o edificio; este rochedo eterno, esta força inquebrantavel, esta firmeza invencível, que ponho em ti, é meu poder, é minha auctoridade, para em meu logar governares *minha Igreja*; é o poder supremo com que a conservareis sempre unida na communhão da mesma doutrina, dos mesmos ritos, dos mesmos Sacramentos; e como o que serve de fundamento á Igreja eterna é eterno com ella, esta auctoridade tua, este primado de jurisdição e de honra que te confio, perpetuar-se-á em teus successores e até o fim dos seculos as portas do inferno não prevalecerão contra esta *minha Igreja*, unida pela obediencia a tua summa auctoridade, apoiada neste firmissimo fundamento que eu puz e que ninguem poderá abalar:—*Eu te digo a ti que tu és Pedro, e sobre esta pedra eu edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella.*

E tanto este é o sentido do Salvador, que o exprime por outros termos não menos significativos.

*Eu te darei*, diz elle ainda a Pedro, *as chaves do reino dos céos* (isto é, da Igreja), *e tudo o que ligares sobre a terra, será ligado no céu, e tudo o que*

*desligares sobre a terra, será desligado tambem nos céos* (1).—*Apascenta meus cordeiros, apascenta minhas ovelhas* (2).

Nada mais claro.

Quem recebe chaves, fica encarregado da inspecção, cuidado e governo das coisas que ellas guardam. Offerecem-se, ainda hoje, as chaves da cidade ao soberano, para mostrar que tem sobre ella suprema auctoridade.

Não podia Jesus Christo exprimir melhor o supremo poder que conferiu a S. Pedro sobre o reino de Deus, ou a sociedade espiritual que elle vinha fundar na terra, do que dizendo que daria a este Apostolo as chaves desse reino. Tambem o poder de solver, em ultima alçada, questões e controversias de fé, de ligar e desligar as consciencias, é conferido a Pedro em particular, depois de o ser em commum a Pedro e a todos os Apostolos; para mostrar que aquillo que os outros recebiam divididamente, elle o tinha em plenitude.

Emfim, na antiguidade, os reis eram chamados *Pastores dos povos*. Ordenar a Pedro que apascente os cordeiros que são os fieis, e as ovelhas que são os bispos, é o mesmo que ordenar-lhe, sob uma graciosa imagem, que dirija, reja e governe o universal rebanho.

Tal é o Evangelho. Tal é a palavra de Jesus Christo interpretada por todos os oraculos da tradição, e por toda a historia do Christianismo.

---

(1) Math., XVI, 19.

(2) João XXI, 15, 17.

Não, Jesus Christo, sabedoria infinita, não podia cahir no absurdo de fundar uma sociedade sem governo.

A *casa* tem um chefe, o *rebanho* um pastor, a *cidade* um magistrado, o *reino* um monarcha; a *Egreja*, que elle representa sob todos esses formosos symbolos, tem tambem um governo e um governo supremo.

Ora, qual é a Igreja, entre as muitas que se intitulam christãs, que conserva ainda este governo supremo, espiritual, fundado por Jesus Christo?

Quaá é a Igreja que por dezenove seculos ahí está unida a S. Pedro e a seus successores como o edificio ao fundamento?

Será a Igreja *Anglicana* que reconhece por chefe o rei da Inglaterra? Será a Igreja *Moscovita* que reconhece por chefe o Czar da Russia? Serão as diversas seitas protestantes, que todas romperam com as tradições e o magisterio supremo da Igreja, para se abandonarem ás mil varias interpretações do senso particular?

Não, certamente.

A unica Igreja que se conserva unida a S. Pedro, por dezenove seculos, é a Santa Igreja Catholica, Apostolica, de Roma, cujo venerando chefe actual, remonta por uma serie não interrompida de Pontifices até o Principe dos Apostolos.

Portanto, é esta, e só esta, a verdadeira Igreja de Jesus Christo segundo a sua palavra: *Tu és Pedro, e obre esta pedra edificarei a minha Igreja.*

Por isso no symbolo que os proprios Apostolos redigiram, e que nossos labios repetem todos os dias com piedosa emoção, não dizemos:—Creio no Espirito

Santo e na santa Igreja *luzitana, brasileira, ou gallicana, ou ingleza, ou russa*; mas:—*Creio no Espirito Santo e na santa Igreja Catholica*, ou como explicam, mais desenvolvidamente, os symbolos de Nicéa e Constantinopla: *Creio na Igreja, uma, santa, catholica, apostolica*, isto é, na Igreja que está unida pela profissão da mesma crença, sem discrepancia alguma—(*uma*), ligada pela pratica dos mesmos Sacramentos, e do mesmo culto com que communicamos com Jesus Christo, chefe invisivel, fonte das graças e da santidade—(*santa*), espalhada pelo mundo sem mesquinhas barreiras de nacionalidades—(*catholica*), sempre dirigida por legitimos Pastores, cujo corpo presidido pelo Summo Pontifice, remonta sem interrupção até aos Apostolos—(*apostolica*).

E' esta a verdadeira Igreja, a Igreja catholica Romana, a Igreja que nossos paes abraçaram, a Igreja em que elles nos precederam no signal da fé, e dormem o somno da paz. E' a mesmissima *Igreja Catholica*, de que falam os Apostolos no symbolo. E' a verdadeira Igreja de Jesus: *Credimus*.

\* \* \*

*Cremos*, em sexto lugar, que esta plena e suprema auctoridade da Igreja, por isso mesmo que é plena e suprema e, por conseguinte, sem appello entre os homens, foi por Jesus Christo constituida *infallivel*, nem podia deixar de sel-o.

Com effeito, a Igreja é uma sociedade espiritual, cujo fim principal é manter a pureza da fé, a recta interpretação da palavra de Deus contida nas divinas Escripturas e na tradição.

A obrigação de crêr é, pode-se dizer, sua lei condicional. S. Paulo declara que, se Jesus Christo es-



tabeleceu pastores e doutores, foi para que todos os homens não andassem fluctuando a todo o vento de doutrina, mas chegassem á *unidade da fé* (1). Um só Senhor, uma só fé, um só Baptismo, exclama o grande Apostolo (2). E por isso chama a Igreja, a columna e firmamento da verdade (3). Crêr em todas as verdades reveladas por Jesus Christo e ensinadas por sua Igreja, eis a obrigação sagrada imposta aos que querem fazer parte desta sociedade espiritual.

Quem não crê na palavra de Deus interpretada pela Igreja, não pertence a seu gremio.

Portanto, a lei fundamental, o vinculo social constitutivo da Igreja, é a obrigação de crêr, imposta sob a sancção gravissima de eterna condemnação: «Quem não crêr, será condemnado», disse Jesus (4).

«Ora, a fé», como nota um grande orador, «considerada como lei social que me obriga e que me é declarada e intimada por uma auctoridade suprema á qual devo obedecer, a fé não é outra coisa senão a submissão de minha intelligência e de minha razão...

«Mas... Que maravilhosa mola poderá fazer mover para um centro commum o mundo das intelligencias e do pensamento? Que poder realisará sobre a terra a admiravel e divina concepção do Catholicismo... a unidade permanente e universal da fé?

«Que meio?... Só ha um, mesmo logica e racio-

---

(1) Ephes. IV, 14.

(2) Ibid. 5

(3) Tim. III, 15.

(4) Marc. XVI, 16.

ualmento falando: é a infallibilidade, a infallibilidade do poder supremo da Igreja. Deve esse poder.... como poder social, obrigar a intelligencia e a propria razão a sujeitar-se, isto é, a crêr.

«Mas, minha razão, por direito, por dever, para crêr, mórmente coisas divinas, fica independente e livre, até que se apresente uma certeza soberana, a mesma veracidade divina, ou infallibilidade absoluta, que é della participação.

«Só á infallibilidade pode e deve meu espirito sujeitar suas convicções.

«Ora, minha convicção, minha razão devem obedecer ao poder espiritual, ou então não ha mais ordem, nem lei, nem fé, nem unidade, nem sociedade, nem Igreja; e todavia é necessaria a Igreja!

«Na sociedade espiritual, a necessidade social e legal é crêr. A auctoridade deve aqui mandar á propria intelligencia as doutrinas e as crenças; pois só se trata, da parte dessa auctoridade, de interpretar, applicar, e fazer executar as leis sociaes (e não de inventar dogmas, ou dominar nas crenças, como sonham os incredulos e protestantes).

«Mas tal auctoridade ou é infallivel ou nada é, nada vale.

«Sem auctoridade não ha sociedade: sem sociedade religiosa, não ha mais Religião, sem Religião que será dos povos?...

«E eis como tudo se encandêa nas obras divinas, desde a felicidade do homem até o ultimo dia do poder supremo e divino.» (1)

---

(1) Conf. do P. de Ravignan. I.

Portanto, Jesus estabelece infallivel o poder supremo de sua Igreja, quando este promulga solemne-mente a doutrina da fé e dos costumes.

Pedro é o fundamento; é preciso que o edificio es-piritual da fé ache nessa pedra sua eterna firmeza. (1)

Pedro é o Pastor supremo que não pode conduzir o rebanho universal a pastos envenenados. (2)

Pedro recebe a missão de confirmar na fé seus irmãos que são os Bispos. (3)

E a fé de Pedro, Christo a declara infallivel. (4)

O que Pedro ata ou desata, nas questões de fé, é atado ou desatado no céu. (5)

Jesus Christo assiste ao chefe como assiste á Igreja, e communica-lhe a mesma infallibilidade. (6)

Eis a doutrina catholica, a doutrina de todos os seculos christãos, a doutrina claramente ensinada pelos Concilios ecumenicos de Florença e de Trento, e ultimamente de modo formal definido, como dogma de fé, pelo Concilio ecumenico do Vaticano.

«E quereis saber», pergunta Ravignan, «porque nos conservamos assim estreitamente abraçados com esta pedra augusta e veneravel, centro da unidade ?

«E' porque comprehendemos o pensamento da-quelle que foi o auctor e consummador divino de nossa fé; é porque nos associamos a todos os dese-jos de seu generoso coração; é porque cremos em sua divina palavra.

---

(1) Math. XVI, 18.

(2) João XVI, 15.

(3) Luc. XXII, 32.

(4) Ibid.

(5) Math. XVI, 19.

(6) Ibid. XXVIII, 20.

«Viu Jesus Christo as ondas tumultuosas das opiniões e paixões humanas levantarem-se altivas contra a pureza de seus ensinos e a unidade de sua Igreja. Então pôz a rocha immovel no meio das procellas, o abrigo invencivel e tutelar, a que em todo o tempo pudesse agarrar-se a ancora da esperança e da salvação.

«Em vão mugirão as tempestades, em vão desencadear-se-ão todas as potencias inimigas; em pé, inabalavel, a pedra mysteriosa domina as aguas e as aplaca; e todas as portas abertas do abysmo não podem prevalecer contra ella. Aos olhos de todos apparece ella sempre a mesma, sempre protectora. Quem para ella se volve, acha-a calma na tormenta.

«E' o fundamento posto pelo Senhor, e sobre elle está edificada a Igreja. Ella levanta-se, cidade de paz, de luz e de verdade. No seio de sua unidade, prometten Deus habitar e velar sempre. Desappareceram então os perigos da passagem; toca-se no porto; ahí se descança, unido, vinculado, succeda o que succeder, a este inexpugnavel baluarte. E na alegria, no consolo intimo que achamos ao encostar-nos á pedra angular, diremos: Bom é estar aqui ! Folgamos de repetir os cantos do propheta: «Aqui é que adormecei na paz: *In pace in idipsum dormiam et requiescam.*»

Sim, nós cremos, com todos os seculos christãos, na infallibilidade do Summo Pontifice, no Supremo poder da Igreja de Jesus Christo:—*Credimus.*

. \* .

*Cremos*, enfim, em setimo logar e como conclusão de todos estes principios de fé, que romper com a Igreja, romper com o Papa, romper com os Bispos



em communhão com a Santa Sé, é romper com o Christianismo, com o Christianismo verdadeiro, como Nosso Senhor Jesus Christo o estabeleceu.

Não se pode ser christão, seguir a Religião de Jesus Christo, desobedecendo á Egreja, separando-se dos Pastores legitimos.

Com effeito, não estabeleceu Jesus Christo sua Religião como um simples sentimentalismo, recondito e perdido no fundo das consciencias, ou como uma theoria philosophica, fluctuando nos vagos espaços da especulação, luz phosphorescente, sacudida aqui e alli pelos ventos varios das opiniões e interpretações individuaes. Se assim fôra, nem resquícios houvera mais do Christianismo no mundo.

Jesus Christo fundou, como já vimos, o Christianismo sob a forma consistente e concreta de uma associação religiosa; deu-lhe a forma social, sem a qual nada perdura e tem acção larga e efficaz sobre a terra.

De sorte que esta Egreja, divinamente instituida para manter entre todos os povos a união da fé, do culto, e da caridade evangelica, é a mesma Religião de Jesus Christo em sua entidade real e concreta, e não se separa della.

Em uma palavra: a Egreja é o Christianismo; o Christianismo é a Egreja.

A doutrina do Christianismo devia ser transmitida pelo ministerio dos Apostolos e seus successores aos fieis de todos os tempos e logares:—*Ide, instrui a todos os povos... Eu estou comvosco até o fim dos seculos. Quem crêr (no ensino) será salvo, quem não crêr será condemnado.*

Doutrina de Jesus Christo ensinada pelo magisterio da Igreja, e crida pelos fieis da Igreja: eis o Christianismo.

O culto do Christianismo, culto em espirito e verdade, o Sacrificio Eucharistico que é o principal acto desse culto, os Sacramentos que communicam ás almas a vida sobrenatural e divina, tudo isto é commettido ao ministerio sacerdotal:—*Fazei isto em memoria de mim: Ide e baptizae:.. Aquelles a quem perdoardes os peccados, serão perdoados.* Tudo isto, como vêdes, devia ser feito na Igreja, e pela Igreja, e tudo isto é o Christianismo!

Emfim, a caridade, essa flamma de vivificante calor, essa virtude essencial do Christianismo, onde se accende, onde se nutre, onde se desenvolve senão na santa união da sociedade espirital, senão na Igreja? Pois «a Igreja», como diz egregiamente um grande padre das Gallias, Santo Irineu, «bem que espalhada em todo o universo, é como a familia habitando a mesma casa, só tendo um coração e uma alma, e só falando por uma bocca.»

«Nobres e generosos ensinos», exclama um grande orador, «só vós arrancaes o homem ao frio egoismo e ás funestas estreitezas de interesses todos materiaes e terrenos. Só na communhão santa da grande familia a alma é penetrada de doce e vivifico ardor. Sustentada pela vida da fé, sacode o peso de corrupção e lama que o opprime e cansa, e lhe irrita, ás vezes, a ira e o odio. Lança-se sobre as azas da oração, como concerto unanime do louvor catholico, até ao seio de Deus, e só desce daquelle fóco de paz e de amor para derramar em torno della as divinas influencias da concordia.»

A união na Igreja é a união no espirito christão: mais uma prova de que a Igreja e a Religião de Jesus Christo são termos que se identificam.

Portanto, não se pode ter verdadeiro e real Christianismo fóra da Igreja. O livre pensador, o racionalista, o libertino é que está só; não tem irmãos com que se una para a adoração, para a oração, para a communhão do altar e do sacrificio: não tem Igreja. E d'elle está escripto: *Væ soli!* ai dos que estão sós! (Eccl. IV, 10.) (*Carta Pastoral* explicando a razão do actual conflicto, pag. 11-28.)



## As promessas de Jesus Christo

**U**m dos pontos que com maior clareza e evidencia se vê estabelecido nos nossos Evangelhos, no ponto de vista historico e critico, é incontestavelmente a promessa de assistencia perpetua que o Christo fez á sua Igreja. Os Evangelhos são formaes a este respeito, suas declarações são claras e irrefutaveis.

«Eis», diz Jesus Christo, «que eu estou comvosco até a consummação dos seculos.» (1)

«E eu rogarei ao Pae, e Elle vos dará outro consolador, para que fique comvosco eternamente.» (2)

«O consolador, que é o Espirito Santo que o Pae ha de enviar em meu nome, Elle vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar tudo o que eu vos tenho dito. (3) Quando vier este espirito da verdade, ensinar-vos-á toda a verdade.» (4)

Ora, quando Jesus Christo promette estar com seus discipulos *até a consummação dos seculos*, quando elle promette enviar-lhe o Espirito de verdade, que os ha de assistir *eternamente*, é clarissimo que elle não se referia somente aos seus discipulos alli

---

(1) Math. XXVIII, 20.

(2) João XIV, 16.

(3) João XIV, 26.

(4) Ibid. XVI, 13.

presentes, que não podiam sobreviver-lhe muito tempo, mas tinha certamente em vista os seus successores, na successão indefinida dos tempos.

D'aqui resulta, pois, que o Christo realmente investiu a sua Igreja com uma auctoridade doutrinal perfeitamente definida, que é a sua propria auctoridade prolongada atravez dos seculos, e que, segundo suas mais formaes declarações, é infallivel.

Mas, se dirá, onde está a Igreja? Entre as seitas numerosas, todas se firmando nas promessas do Christo, que signal nos fará reconhecer a verdadeira Igreja? Grave questão que principalmente agita os nossos irmãos separados no Protestantismo, e que podemos immediatamente elucidar, pois é evidente que, tudo quanto já dissemos dos ensinios de Jesus, poderiamos aqui repetir quanto á sua Igreja; seria de todo inutil que Jesus Christo tivesse fundado a sua Igreja, e o investisse de seu poder, se, entre as reivindicações de tantas Igrejas diversas, não pudessemos com segurança conhecer a verdadeira Igreja, qual aquella que, só e acima de todas, tem auctoridade para falar em nome do seu fundador.

E' impossivel que Jesus Christo tivesse deixado este ponto cardeal em duvida, e é nas suas palavras que devemos achar a solução.

«Eu vos enviarei», diz elle, «o Espirito-Santo, e Elle vos ensinará todas as coisas.»

Ora, o Espirito Santo não pode ensinar coisas contradictorias, pois que é o Espirito da verdade, portanto a Igreja que Elle inspira não pode, de modo algum nos apresentar contradicções no seu ensino dogmatico. Claro e bem claro é, com effeito, que esta divina assistencia promettida pelo Christo á sua Igreja



seria completamente illusoria, se, em artigos importantes, taes como a communhão sacramental do corpo e sangue de Jesus, a remissão dos peccados, a vida futura, uma parte da Igreja professasse a crença de um modo e outra parte adoptasse crença absolutamente opposta, ou se o ensino primitivo se houvesse transformado em um outro differente. A Igreja verdadeira ha de por força possuir a unidade de fé no espaço e no tempo. E é isto que distingue, com effeito, a Igreja Catholica das innumeraveis seitas sahidas da heresia de Luthero, seitas que todas variaram e variam ainda continuamente no seu *credo*, a tal ponto que não somente ellas differem uma das outras, mas até mesmo se contradizem entre si sobre os pontos mais importantes da fé. (1)

A Igreja deve ser universal, pois o Christo disse a seus discipulos: «Ide e baptizae todas as nações. Ora, só a Igreja Catholica está de posse desta universalidade que é um de seus titulos que nenhuma das Igrejas schismaticas, particulares ou nacionaes, jamais tentou reclamar para si.

Sabendo-se infallivel, ella deve proclamar-se como tal. Porque de nada lhe serviria este caracter de infallibilidade, se delle não tivesse consciencia, se ella não falasse ao mundo com esta auctoridade que lhe vem da certeza que tem de não poder enganar-se. Toda a religião que não é infallivel está por

---

(1) Luthero, por exemplo, admittia o dogma da presença real, e este dogma é actualmente rejeitado por todos os lutheranos. Pelo contrario, Luthero não admittia a necessidade das obras para a salvação. Qual é, na actualidade, o protestante sincero e razoavel que admitta e professe o principio de Luthero, que «embora se cometta mil adultérios ou homicidios», basta só a fé, sem nenhum acto de arrependimento, para o salvar?

isto mesmo já convencida de erro, porque confessa que pode enganar-se. (1)

Ora, só a Igreja Catholica se proclama infallivel; só ella usa das promessas do Christo para definir a verdade e condemnar o erro em seu nome.

Finalmente, temos um caracter ainda mais determinado, mais distincto que faz distinguir a verdadeira Igreja das seitas particulares que pretendem usurpar-lhe os titulos; e este caracter é o primeiro que o proprio Jesus Christo imprimiu em seus apóstolos.

Quem dizem que é o Filho do homem? perguntou um dia Jesus Christo a seus discipulos.—E elles responderam o que diziam.—«Vós, porém, que dizeis que eu sou?» E, tomando Pedro a palavra, respondeu:

«Tu és o Christo, Filho de Deus vivo.»

Respondendo então Jesus lhe disse:

«Bemaventurado és, Simão, filho de João, porque não foi nem a carne nem o sangue que t'o revelou: mas sim meu Pae que está nos céos.»

«E eu te digo a ti que tu és Pedro, **e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja**, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella. E te darei as chaves do reino dos céos, e tudo o que ligares sobre a terra, será ligado tambem nos céos; e tudo o que desatares na terra, será desatado tambem nos céos.» (2)

Disto resulta, com a ultima evidencia, que a Igreja está edificada, segundo a propria palavra de Christo, sobre a pessoa de Pedro, e que tudo quanto Pedro tem separado, desligado da Igreja, está bem sepa-

---

(1) Lacordaire.

(2) Math. XVI, 13 a 19.

rado e bem desligado de Deus, segundo a palavra formal de Jesus Christo.

Mas, quem será este Pedro ? onde está elle ? Será somente o Apostolo Simão a quem Jesus, então dirigia a palavra ? Mudando-lhe o nome no nome tão expressivo de *Pedra*, provou claramente o divino Mestre que não falava a um homem só, mas a um ser colectivo de que esse homem era prototypo e o representante actual. Seria inqualificavel absurdo dirigir semelhantes promessas a um homem que havia ainda de viver apenas alguns annos, e morria quando a Egreja lançava apenas os seus fundamentos. Tão solemne promessa de estabilidade não se teria prolongado senão a este curto periodo de vinte annos ? E' impossivel; e os Doutores de todos os tempos, a Egreja toda inteira, professaram sempre que esta celebre palavra de Christo se dirigia a todos aquelles que deviam succeder a Pedro.

Não ha mister citar aqui os inumeraveis textos dos santos Padres que claramente estabelecem esta verdade. Digamos que as mais recentes indagações historicas demonstram, ao contrario do que affirma o Protestantismo, que toda a Egreja primitiva estava grupada em roda do successor de Pedro, do Pontifice de Roma, e que então ninguem podia comprehender a Egreja fóra desta união. Só muito mais tarde, depois do esphacelamento do imperio romano, foi que as Egrejas orientaes tentaram subtrahir-se a esta união por um schisma, que só no fim da Edade Média, depois da tomada de Constantinopla pelos turcos, tornou-se definitivo; e foram tambem os escandalos do schisma do Occidente que algum tanto obscureceram, no resto da christandade, esta noção da

primazia pontifical, até então conservada sem sombra de duvida.

«Esta questão da primazia pontifical», diz o egregio historiador Bainvel, «estava já praticamente resolvida desde os primeiros seculos, pela submissão que todos prestavam ás definições pontificaes, pela acceitação unanime do principio de Santo Irineu que, para ter-se a doutrina apostolica, era de necessidade e bastante ter a doutrina da Egreja Romana, concordes todos na crença que uma coisa de fé, julgada definitivamente em Roma, estava bem julgada. Com esta Egreja, continua o santo Doutor, é que todas as outras Igrejas e todos os fieis espalhados pelo universo são obrigados a concordar, *por causa do Supremo Principado de que ella foi investida*. «Roma falou», dizia Santo Agostinho, «a causa está julgada.»

«A tradição apostolica», diz ainda Santo Irineu que vivia no 2.<sup>o</sup> seculo, «se acha na pregação vinda até nós, na Egreja de Roma que é a maior, a mais antiga das Igrejas (*maxima et antiquissima*), aquella que o universo inteiro reconhece como tendo sido fundada em Roma pelos gloriosos Apostolos S. Pedro e S. Paulo. Esta tradição basta para confundir todos aquelles que, de um modo ou de outro, por complacencia comsigo mesmo, por vangloria, cegueira, ou pelo espirito falseado, estão fóra da verdade. Com effeito, a *preeminencia desta Egreja é tal*, que necessariamente a Egreja toda, isto é, todos os fieis de qualquer paiz, com ella devem concordar e estar na mais perfeito união, porque nella está conservada sem interrupção a tradição apostolica.»

«E' difficil», diz com muita razão Mons. Duchesne,



«expressão mais clara: 1.º da unidade doutrinal da Igreja universal; 2.º da importancia soberana, unica, da Igreja Romana como testemunha, guarda, e organ da tradição apostolica; 3.º de sua superior preeminencia sobre toda a christandade.» (1)

«A Igreja Romana», diz ainda Santo Ignacio, «prezida a caridade; «e com effeito», diz Mons. Duchesne, «o seu thesouro ecclesiastico sempre esteve á disposição das Igrejas em penuria.»

«Nunca enganastes nem vos podeis enganar», diz ainda o mesmo santo Doutor, «vós tendes ensinado os outros; tudo quanto prescreveis pelo vosso ensino deve ser tido como incontestado.» (2)

. . . . .

Temos visto os testemunhos de Santo Irineu que

---

(1) *L'Eglise Romaine avant Constantin.*

(2) Não será demais ouvirmos mais algumas testemunhas:

«A fonte de todas as heresias», escrevia S. Cypriano no 3.º seculo, não é outra senão a recusa de obedecer ao grande Sacerdote de Deus, e o esquecimento da verdade do que *ha sempre e em todos os tempos* sobre a terra um unico Padre e um unico Juiz, que faz as vezes de Jesus Christo.» (Epist. LVII)

«E' impossivel», diz elle, «que o erro ache apoio na Cadeira de Pedro, nossa Igreja principal, donde nasceu a unidade do Sacerdocio... Quem é que ousará capacitar-se que está ainda na Igreja, depois de ter abandonado a Cadeira de S. Pedro, sobre a qual está fundada a mesma Igreja?» (De Unit. Ecl.)

«S. Pedro vive sempre e preside na sua Sé, e pelo Pontifice Romano dá, aos que a procuram, a verdade da fé», escreve a Eutyches S. Pedro Chrysologo.

«A fé do Pontifice Romano é a pedra que não pode ser vencida pelas soberbas portas do inferno», dizia S. Agostinho. (Epist. contra Don. LXIV.)

E assim unanimes todos os santos Padres até S.º Thomaz d'Aquino.



vivia no 2.<sup>o</sup> seculo. Podemos remontar ainda mais alto, até os mesmos Apostolos, isto é, á fundação da Igreja.

A carta de S. Paulo aos Romanos bem demonstra a celebridade desta Igreja ainda no berço.

«A vossa fé», diz elle, «é famosa no mundo inteiro.

«Abstrahindo-se o cumprimento significativo destas palavras,» diz Mons. Duchesne, «o proprio facto de S. Paulo dirigir esta carta á Igreja de Roma, dá o mais valioso testemunho da importancia desta communi-  
dade religiosa. A Epistola aos Romanos é, com effeito, um importantissimo manifesto doutrinal. Ella resume os grandes debates sustentados pelo Apostolo contra os judaizantes e define sua opinião sobre o universalismo do Evangelho... Por que razão julgou elle dever explicar-se deante da Igreja Romana? Sem duvida, porque, desde esse tempo, e ainda na sua fundação, elle lhe reconhecia a preeminencia que ella tinha.

«Alguns annos depois, esta preeminencia se manifestou de modo mais decisivo.

«Cerca do anno 97, estava a Igreja de Corintho agitada por graves dissensões. Chegando isto ao conhecimento da Igreja Romana, ella julgou dever intervir.

«Não foram os Corinthios que solicitaram esta intervenção; foi a Sé Romana que se pôz em movimento, movida pelo zelo, pela consciencia do dever que lhe impunha a situação. Em seu nome o Papa Clemente escreveu á Igreja de Corintho uma Epistola, na qual, com firmeza, exhortava os Corinthios á concordia e á obediencia aos chefes ecclesiasticos, e assim terminava:

«Nós vos lembramos estas coisas com tanto maior confiança quanto sabemos que nos dirigimos a homens de fé, versados na sciencia e no estudo dos ensinamentos divinos. E', portanto, justo que imiteis estes grandes e nobres exemplos (exemplos tirados do Antigo e Novo Testamento), que inclineis a vossa cabeça e mostreis a vossa obediencia, afim de que, terminando-se esta pendencia, cheguemos sem nenhuma macula ao fim que devemos attingir na verdade. Muita alegria e consolação nos causareis si, ***obedecendo ao que Nós vos escrevemos pelo Espirito Santo***, puzerdes fim aos iníquos transportes de vossa inveja, submettendo-vos ás exhortações que nesta carta vos fazemos, em bem da paz e da concordia.»

«Quer se considere em si mesmo este acto espontaneo da Egreja Romana, quer se tome o peso aos termos desta carta,» diz Mons. Duchesne, o melhor guia que podiamos escolher nestas questões historicas, onde elle é mestre e mestre incontestado, «não se poderá negar que, desde o fim do primeiro seculo da nossa era, cerca de cinquenta annos depois da sua fundação, esta Egreja se affirmava já na posse da auctoridade superior, excepcional, que ella jamais deixará de reivindicar. Vivia ainda em Epheso o Apostolo João, no tempo em que o Papa Clemente escrevia esta carta. Não se descobre, em toda a historia, um só traço de intervenção de sua parte em pendencias de doutrina. E, todavia, eram mais facéis as communicações entre Epheso e Corintho que entre Corintho e Roma.

«Como foram, porém, recebidas pelos Corinthios as exhortações e os enviados da Egreja Romana? De

tal modo as receberam, que a carta do Papa Clemente foi respeitada e venerada quasi como as Sagradas Escripturas: setenta annos depois ainda, esta carta era lida, aos Domingos, na assembléa dos fieis. Roma mandou, e foi obedecida.»

Mostra depois o sabio Mons. Duchesne os mais consideraveis personagens da Egreja durante todo o 2.º seculo, affluindo de todas as partes do mundo para irem ouvir a Egreja Romana; é S. Justino que vem da Palestina, é o Bispo Hegesippo, da Syria, é S. Polycarpo, discipulo de S. João, que, arrastando o peso de seus 80 annos, vem de Smyrna para tratar da questão da Paschoa, que suscitava divergencias nas Igrejas da Asia.

Os asiaticos protestam, resistem. O Pontifice Romano procede então contra, lançando-lhes a excommunhão, desligando-os, da união commun. E' que elle tem consciencia que é o Chefe da Egreja, com alçada sobre toda a universal communhão, e que em suas mãos está o poder de atar e desatar... E os asiaticos abandonaram as suas praticas e fizeram acto de submissão, o que evidentemente demonstra que o poder do Papa, successor de Pedro, era então já incontestado.

«Em summa», diz Mons. Duchesne, «em todas as Igrejas do mundo inteiro, desde a Arabia, o Osrone, a Cappadocia, até as extremidades do Occidente, aceitaram sempre em todas as coisas, na fé, na disciplina, no governo, no ritual, nas obras de caridade, a incessante acção da Egreja Romana. Era ella por toda parte conhecida, como diz S. Irineu, presente em toda parte, por toda parte respeitada e seguida a sua direcção. Em face della nenhuma concurrencia, nenhuma

rivalidade; nenhum outro bispo tem a idéa ou a pretensão de suppôr-se a ella igual... Acima das Egrejas particulares eleva-se a Egreja Romana na sua majestade soberana, a Egreja Romana apresentada pelos seus bispos, cuja longa serie se prende e se liga aos dois coryphæos de côro apostolico, que governa o rebanho com a suprema auctoridade que lhe foi outorgada, e que é considerada por todo o mundo como o centro e orgam da unidade.»

De facto foi ella sempre o centro effectivo da unidade durante todo o curso das lutas encarniçadas que dilaceram a christandade emergida victoriosa da éra das perseguições.

Os seus legados presidem o Concilio de Nicéa e os grandes Concilios Ecumenicos, nos quaes a fé catholica firma as suas bases e formula os seus dogmas.

Ella sustenta os corajosos campeões da idéa catholica, os Athanasios, os Chrysostomos contra os reformadores hereticos do IV e do V seculo; ella salva a christandade do Arianismo, quando todas as Egrejas orientaes já pendiam para esta perigosa heresia.

Não ha, portanto, mais evidente expressão da verdade do que esta unanime acclamação de toda a christandade, de todos os Padres do Concilio de Chalcedonia, gregos e latinos, proclamando unisonos na mesma fé que *Pedro falava pela bocca de seus successores.*

Durante quatorze seculos não teve a Egreja outra doutrina, doutrina acceita mesmo pelas Egrejas orientaes, na epoca em que estas Egrejas mais se inclinavam para o schisma, nos Concilios de Lyão e de Florença.



Ora, se esta era a doutrina corrente em toda a christandade, como amplamente se demonstra, ou os nossos irmãos separados pela reforma protestante se enganam, quando rejeitam a união com esta verdadeira Igreja de Jesus Christo, ou esta Igreja de Jesus Christo enganou-se durante quinze seculos. Mas, neste ultimo caso, não foi somente a Igreja que enganou-se, foi o proprio Jesus Christo, Deus, e seu fundador, que fez suas promessas com tanta solemnidade:

«Eu estarei comvosco até a consummação dos seculos, e as portas do inferno não prevalecerão contra vós.»

«Eu rogarei ao Pae, e Elle vos envlará um outro Paraclito, que comvosco fique eternamente.»

«O Paraclito, o Espirito-Santo, que o Pae vos enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos lembrará o que eu vos disse, e elle vos ensinará toda a verdade.»

Para nós que cremos e demonstramos que Jesus Christo é Deus, nos é impossivel admittir a segunda parte deste dilemma, e firmemente cremos que o seu Espirito está realmente presente na Igreja, que elle fundou sobre Pedro, e que esta Igreja não pode errar.

«E aquelle que cahir sobre esta Pedra, será quebrado; e sobre quem ella cahir, ficará esmagado.»  
(Math. XXI, 44.)

(Pierre Courbet, *Introduction scientifique à la foi chrétienne*, pag. 348.)







### III

## CARACTERES DA EGREJA

**S**erviu-se Deus destas grandes solemnidades (1) para dar-nos uma esplendida manifestação da Igreja Catholica, neste seculo. *Em toda a parte se crê na Igreja Catholica*, dizia judiciosamente em Roma um illustre bispo, *aqui estamol-a vendo!* E por certo, ella nos appareceu em sua suprema majestade, cheia de graça e de verdade. Elevava-se a alma; arroubava-se o coração; os olhos se enchiam de lagrimas, contemplando os suaves esplendores da mystica Jerusalem.

De um egregio poeta deste seculo, Silvio Pellico, conta-se que, ao admirar, um dia, o sol transmontando, em horizonte de ouro e purpura, além do zimbório de S. Pedro, exclamara: «*O' meu Deus, rendo-vos graças por haverdes posto diante de um só olhar meu a mais formosa obra de vossas mãos e o maior primor das mãos do homem.*» Um só olhar nosso lá abrangia espectaculos mais enlevadores. Não era o sol material que tem manchas; era o sol das almas, a Santa Igreja de Jesus Christo sem mancha e sem

---

(1) As solemnidades da celebração do XVIII centenario secular do martyrio dos Bemaventurados Apostolos S. Pedro e S. Paulo, a 29 de Junho de 1867, que reuniu em Roma 500 bispos da Igreja Catholica.

rugos; não era uma cupula pelo genio atrevido de Miguel Angelo suspensa nos ares; era o Pontificado que edificou e subsistirá immorredouro, atravez das revoluções dos tempos e das vicissitudes das coisas humanas. Era a catholicidade, acudindo do Oriente e do Occidente, do Septentrião e do Meio-dia, do fundo dos desertos, d'além dos Oceanos, para vir dar ao Pae Supremo dos fieis o abraço da familia, para testemunhar-lhe, no meio das angustias e perseguições de que se acha rodeado, o amor, a dedicação, a sympathia respeitosa de seus filhos; era a unidade de todos os espiritos na mesma fé, de todos os corações no mesmo amor: unidade que tem seu centro inconcusso, seu ponto de apoio inabalavel, na pedra sobre a qual Jesus Christo levantou sua Igreja e contra a qual não prevalecerão as portas do inferno; eram, neste seculo em que reinam o egoismo e a adoração da materia, milhares de frontes inclinadas perante o Crucifixo e, proclamando que a verdadeira grandeza é a dos Santos; era no meio de sociedades ameaçadas, que tremem sobre vulcões, sem poderem sequer contar com um dia de vida, o annuncio de um Concilio Ecumenico, destinado a repôr em seus caminhos a razão desviada do seculo XIX. Eis a grande *Exposição de Roma*! Eis o espectaculo que já tínhamos deante dos olhos. Ostentem embora em Paris todas as nações do mundo os brilhantes productos de sua maravilhosa industria; quem não admirará, sob certos respeitos, esse grandioso certamen do trabalho e da civilisação? Havia, porém, coisa mais alta, mais sublime e muito mais de admirar. Em Paris era a apotheose da materia; em Roma, a glorificação do espirito; alli o satisfazer e affagar os sentidos pelo regalo, pelas galas, pelas delicias e conchegos temporaes; aqui

o levantar e ennobrecer as almas pelo bem, pela justiça, pelo amor da eterna verdade; alli as obras do genio do homem, aqui a obra do Espirito de Deus. *Domine, opus tuum!* Visão consoladora! Sim, vimos o primor de Deus, vimos a Igreja Santa no esplendor de sua grandeza e de sua gloria. *Vidi civitatem sanctam Jerusalem novam descendentem de caelo a Deo, paratam sicut sponsam ornatam viro suo* (1), e é esta a grande significação das festas de Roma, a que tivemos felicidade de assistir.

## Catholicidade

Manifestação da Igreja primeiramente em sua **catholicidade**. Estavamos lá dos quatro pontos do mundo; das ilhas e dos continentes; d'aquém, d'além dos mares; porque a Igreja enche tudo, segundo o antigo oraculo: *Por toda a terra resoou o som da voz; suas palavras foram ouvidas até ás extremidades do orbe* (2).

A' voz do Pastor Supremo lá se abala todo o Oriente, e o mundo poudo ver em torno da Cadeira Apostolica os gregos, os melchitas, os ruthenos, os rumenos, os syrios, os chaldeus, os maronitas, os arménios, os bulgaros e os cophtas. Lá estavam os representantes das Igrejas longinquas da India, da China, do Mongol e da Tartaria. Lá estaveis tambem, pairando sobre as sete collinas, Anjos das Igrejas do Occidente, inclytos prelados da França, da Hespanha, das diversas nacionalidades da Austria; de varias partes da Allemanha; da Belgica, da Hollanda, da Suissa; de Portugal, da Inglaterra, da Irlanda e da Escossia; lá

---

(1) Apocal. XXI.

(2) Psalm. 18.

estavam os representantes das dioceses d'Africa; lá estavas, Episcopado da desditosa Italia, *mãe fecunda de tantos Santos, que deu ao céu e á Egreja tantos heróis de santidade e de justiça* (1).

A America, com estar separada pelo immenso oceano, não poudere ter os seus; dos Estados-Unidos, do Canadá, do Mexico, das Antilhas, do Equador, da Nova Granada, do Perú, das Republicas Confederadas do Sul, do Brasil, nossa querida terra da Santa Cruz, partiram muitos Pontífices, desejosos de levar a Roma o tributo de sua inalteravel fidelidade. E o Episcopado não foi só: 36.000 padres o rodeavam; e a estes Padres acompanharam 100.000 catholicos de todas as tribus, linguas e nações.

Qual outra religião, qual outra seita poderia realisar semelhante prodigio? Todas ellas estão morrendo dentro dos apertados limites das nacionalidades em que brotaram. Só tu, Santa Egreja Catholica, só tu podes reunir em teu seio, dos quatro ventos do céu, essa multidão de filhos que te amam, que te obedecem, todos professando a mesma doutrina, todos confessando em *todas as linguas que Nosso Senhor Jesus Christo está na gloria de seu Pae* (2).

## Unidade

E é este outro caracter da Egreja que brilhou esplendido nas ultimas festas de Roma: **a unidade**.

Toda aquella immensa assembléa de bispos, de sacerdotes, de fieis de todas as jerarchias sociaes, reunidos em torno do Chefe Supremo da Egreja, succes-

---

(1) Palavras de Pio IX e a resposta á mensagem das 100 cidades italianas.

(2) Philip. c. II. 11.



sor de S. Pedro e Vigario de Jesus Christo, não formava mais que um só coração e uma só alma, um só espirito, uma só fé.

Depois de agradecer ao Santo Padre pela sollicitude com que tem defendido a integridade da fé catholica, todo o Episcopado dizia a Pio IX:

«Guiados por esta fé e por estes sentimentos, Santissimo Padre, collocados, ha cinco annos, em roda de vós, vos dirigimos a palavra, dando a vosso ministerio o testemunho, tão bem merecido, de nossas homenagens e publicando nossos votos por vossa pessoa, pelo mantimento de vosso principado civil, e pela santa causa da religião e da justiça. Guiados por essa fé vos diziamos então, de viva voz e por escripto, que nada temos mais a peito do que crêr e ensinar o que vós crêdes e ensinaes; rejeitar os erros que rejeitaes; caminhar unanimemente sob vossa direcção nos caminhos do Senhor, seguir-vos e trabalhar comvosco, combater a vosso lado pelo Senhor, correndo a mesma fortuna e perigos. Todas estas coisas que então declaramos, confirmamol-as de novo neste momento, no mais profundo sentimento de nossa piedade, e queremos que o universo inteiro o saiba; chelos de reconhecimento, recordamos e louvamos, com inteiro assentimento, o quanto depois tendes feito pela salvação dos fieis e gloria da Igreja.

«Com effeito o que dizia outr'ora Pedro: *Não podemos calar-nos sobre o que temos visto e ouvido*, vós o tendes considerado, e vosso proceder o mostra cabalmente, como dever santo e sagrado. Nunca vossa bocca se calou. Annunciar as verdades eternas, ferir com o gladio da palavra apostolica os erros do seculo, erros que, dirigidos contra a ordem natural e sobre-



natural, ameaçam arruinar, até os fundamentos, toda a auctoridade ecclesiastica e civil; dissipar as trevas accumuladas sobre os espiritos pelas novidades de perversas doutrinas, proclamar intrepidamente, persuadir e recommendar aos homens tudo quanto é necessario e salutar para os individuos, para a familia christã, para a sociedade civil: eis o que considerastes dever supremo de vosso ministerio, afim de que cheguem assim todos a conhecer perfeitamente o que deve um catholico crêr, professar e praticar.

«Por esta admiravel sollicitude, rendemos á Vossa Santidade as mais solemnes acções de graças, e lhe conservaremos eterna gratidão; e crendo ter Pedro falado pela bocca de Pio, tudo o que, pela guarda do sacro deposito que vos foi confiado, tendes dito, confirmado, manifestado, nós tambem o dizemos, confirmamos, annunciamos; e, com uma só bocca e um só coração, rejeitamos quanto tendes julgado dever ser rejeitado e reprovado como contrario á fé divina, á salvação das almas e ao bem da sociedade humana. Temos, com effeito, firme e profundamente gravado em nossos espiritos o que no decreto da União unanimemente definiram os padres de Florença, a saber: «O Pontifice Romano é o Vigario de Jesus Christo, o chefe da Egreja Universal, o Pae e o Doutor de todos os christãos, e que a elle, na pessoa do Bemaventurado Pedro, foi dado por Nosso Senhor Jesus Christo pleno poder de apascentar, reger e governar a Egreja Universal.»

Taes os sentimentos do Episcopado Catholico. Unido á cadeira de Pedro que, *no meio de tantas adversidades e dos assaltos continuos de tantos inimigos, permanece, ha dezenove seculos, orgam da ver-*

*dade, centro da unidade, fundamento e baluarte da liberdade da Igreja*, o Episcopado Catholico protesta, deante do mundo todo, que não tem outra fé senão a fé de Pedro, enunciada pelos labios de Pio; que tudo o que o Vigario de Jesus Christo tem ensinado e definido, em ordem a conservar o sagrado deposito das verdades que lhe foram confiadas, elle o ensina e confessa, sem discrepancia alguma; que todos esses erros monstruosos, propagados pela moderna impiedade, erros que ameaçam solapar os fundamentos da Religião, ao mesmo tempo que os da sociedade civil, elle os rejeita e condemna, como o Summo Pontifice os tem rejeitado e condemnado; emfim, ratifica e confirma o que, ha cinco annos, declararam todos os bispos do mundo, sobre a necessidade, no estado actual das sociedades humanas, de manter-se inviolavel o dominio temporal da Santa Sé, como unico meio de proteger e defender a liberdade do Pontifice Romano na direcção de todos os povos que lhe são confiados (1).

Que pode haver ahi mais claro, mais explicito, mais solemne? Eis a unidade catholica! Os sentimentos acima manifestados não são, como se crê erradamente, os de uma escola ou seita particular. Nada tem que ver aqui o decantado *ultramontanismo*! Os sentimentos acima manifestados são os de todo o Episcopado Catholico. Eis o facto! Salvo se se quer dizer que todos os bispos do mundo são *ultramontanos*—que o Summo Pontifice e toda a Igreja Catholica são *ultramontanos*! Mas então onde está a odiosa injuria que se liga a esta palavra? E se é injuria, contra quem se dirige?

---

(1) Veja-se a grande obra intitulada *La Sovranità temporale*, onde se acham colleccionados os documentos de todos os bispos do orbe catholico sobre esta questão.

Não, não vos deixareis illudir por tão ridiculas logomachias. Repitamos: Eis a unidade catholica: *Cor unum, fides una!*

Onde se poderá achar coisa semelhante? Quem não ouve por toda a parte o rumor secular das divisões que separam individuos de individuos, familias de familias, povos de povos? Divisões na politica, divisões na philosophia, divisões nas linguas, divisões nas raças, e até em religião divisões e lastimosissimas! Por toda a parte fronteiras erguidas, antagonismos deploraveis! A razão combatendo a razão, os systemas abalroando os systemas, de modo que a pobre humanidade só parece viver para se espedaçar em luctas interminaveis.

Enganamo-nos; ha uma região em que não se conhecem as amarguras do schisma; uma região serena onde os espiritos repousam na posse tranquillada mesma Eterna Verdade, que a todos se communica com segurança e plenitude divinas.

Essa ditosa região é a Santa Igreja Catholica, fundada por Jesus Christo, Deus-Homem, sobre a **Pedra** inabalavel, e a quem deu Elle por missão ensinar a toda a creatura quanto tinha Elle ensinado, promettendo estar todos os dias com ella, sem a abandonar jamais, até á consummação dos seculos. *Tu és Pedra, e sobre esta pedra eu edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ella* (1). *Ide, ensinae a todas as nações* (2).

Eis a palavra que fundou essa unidade divina do ensino que só na Igreja Catholica existe e que appareceu tão clara na ultima reunião de Roma.

(1) Math. XVI. 18.

(2) Ibidem, XXVIII, 20.

## Santidade

Mas, a esta manifestação de sua catholicidade e unidade uniu a Egreja uma nova brilhante prova de sua **santidade**.

A Egreja é santa, entre outras razões, porque produz Santos. E nós fomos a Roma assistir á solemne canonisação de 25 novos Bemaventurados que, por entre as enfermidades da carne, se elevaram ás mais sublimes virtudes. Uns sellaram com o sangue a fé de Jesus Christo; outros lhe deram testemunho pela santidade de uma vida toda immolada á pratica dos deveres christãos. Todos deram, nos milagres authenticos que serviam de base aos processos da canonisação, prova irrecusavel dos seus merecimentos deante de Deus, e encheram a Egreja Santa de nova gloria, proclamando-a Mãe felicissima e sempre fecunda em prodigios de santidade: *Viderunt eam filiae Sion, et beatissimam prædicaverunt et Reginae laudaverunt eam* (1).

Estes Martyres gloriosos, estes illustres Confesores, estas castas Virgens, inscriptas ultimamente no catalogo dos Santos, estão proclamando contra a impiedade que o braço de Deus não está encurtado; que ha sempre, como na Egreja primitiva, fieis de uma santidade eminente; que a fecundidade da Egreja em virtudes, em milagres, não soffre quebra; por onde são tambem humilhados os herejes, os dissidentes, á vista de todos os prodigios operados sobre o tumulto dos Santos (2): «Bemdito seja, pois, o Pae das misericordias e Deus de toda consolação que rege

---

(1) Cant. VI, 8.

(2) Bened. XIV, L. I. c. XIII, 3.



de tal sorte, por uma paternal Providencia, a querida Esposa de seu Filho, a Igreja Catholica, que nestes tempos calamitosos, no meio de tantas tristezas e provações, lhe envia tantos motivos de alegria tirados da gloria de seus Santos» (1).

«Em céu tão ennuviado e tempestuoso, é consolação vêr despertar estas doces estrellas da manhã, reluzindo atravez das nuvens. Sim, «dão-se amplos motivos de espirital jubilo, quando assim manifesta Deus ao mundo os meritos de seus Santos; quando os heróes da fé, insignes por virtudes e milagres, reinando já com Deus no céu, são declarados egualmente Santos sobre a terra pela auctoridade do Summo Pontifice» (2).

E assim se verifica a divina palavra: *Multam gloriam facit Dominus magnificentia sua a sæculo*. Muita gloria adquiriu Deus para si e tambem para a Igreja, para o mundo, para a humanidade inteira, nesta descendencia de Santos e nessa serie de grandes acções, desde a origem das edades: Elle deu muita gloria, em particular, á nossa epoca contemporanea por estas tão numerosas beatificações e canonições acceitas, com transportes, por todo o povo christão.

## Apostolicidade

Por ultimo, manifestação da *apostolicidade* da Igreja, em outras palavras, de sua *perpetuidade* atravez dos seculos, sempre a mesma como no tempo dos Apostolos, porque, enfim, a *apostolicidade* outra coisa não é senão a universalidade da Igreja no tempo, como a catholicidade é a universalidade no espaço.

---

(1) Ibid, L. I. c. XIII, 7.

(2) Ibid.

Pois bem! Que testemunho mais claro dado a esta divina perpetuidade da Igreja, á sua prodigiosa vitalidade do que o que se passou ultimamente na Capital do mundo christão?

Ha quasi mil e novecentos annos que foi morto, em infame patibulo, S. Pedro, Vigario de Jesus Christo e Chefe do Collegio Apostolico; e os bispos do mundo lá estavam reunidos, no lugar mesmo desse martyrio, reconhecendo por nosso Chefe a Pio IX, ducentesimo quinquagesimo setimo successor de S. Pedro; lá estivamos, depois de 18 seculos, protestando nossa união á **Pedra** fundamental, sobre a qual Jesus Christo edificou a sua Igreja, para que, assim firme, desafiasse, até ao fim dos seculos, os furores do inferno.

Qual outra Igreja, a não ser a Igreja Catholica, pode assim remontar, por uma successão não interrompida de Pontifices, até os Apostolos? Qual outra Igreja pode dizer que está fundada sobre S. Pedro, como Jesus Christo disse que edificaria a sua, a unica verdadeira? Ah! só a Igreja Catholica; só ella, como edificio immortal, está unida, está ligada ao fundamento: só ella está edificada, não sobre a areia movediça das opiniões humanas, mas sobre a *Pedra* inabalavel, segundo a palavra do divino Salvador: *Tu és Pedro e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja...* *A minha Igreja*, notae, e não *as minhas Igrejas*, uma só, e não muitas; porque só ha uma Igreja, Santa, Catholica e Apostolica, como todos os dias professam os christãos no *symbolo*: *Credo in unam, sanctam, catholicam et apostolicam Ecclesiam*.

As seitas, além de multiplas, são de hontem; sabe-se o dia em que ellas se formaram, desapegando-se do Centro da Unidade; só a Igreja Catholica, to-

mando a origem dos Apostolos, continúa sempre a mesma atravez dos seculos, e transmittirá até o derradeiro dia do mundo o deposito das verdades ensinadas por Jesus Christo, segundo aquella infallivel promessa: *«Ide, ensinae a todas as nações; e eis que estou comvosco, todos os dias, até á consummação dos seculos.»*

As seitas são canaes desviados, que correm por certo tempo e depois estagnam, se corrompem ou secam inteiramente; a Egreja Catholica é o rio caudal, que corre majestoso de seculo em seculo, fecundando todas as gerações com a pureza de suas aguas. O' plenitude de Jesus Christo, vivendo em sua Egreja! O' milagre de uma instituição, que é sempre a mesma, que sobrevive a tudo, que resiste a tudo, que não acabará jamais, apesar da lucta tremenda que sustenta contra todas as forças do abysmo conjuradas contra ella! Onde estão os Romanos? Que é feito dos Barbaros? Que fim levaram as republicas florescentes da idade média? Os imperios desabaram; extinguiram-se as dynastias; rebentaram revoluções tremendas que mudaram a face do mundo; uma só coisa ficou immutavel, no meio dos cataclismos e desmoronamentos humanos: «e esta coisa é a mais fraca, a mais desarmada, a fragil na apparencia», diz o bispo de Orléans: «é um velho que pode morrer amanhã, que pode ser expulso pela força, que pode ser esmagado pela raiva impia de um potentado, de quem podem zombar os principes e os povos, mas que, todavia, nem principes, nem povos, nem raiva, nem força farão desaparecer, e que reinará sobre o tumulto daquelles que lhe cantam a morte; porque, um dia, ha mil e oitocentos annos, quando elle não passava de um pobre pescador do lago de Genezareth, foi-lhe

dita esta palavra: «*Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ella!*» (1)

\* \* \*

Sim, alli está Deus! *Digitus Dei est hic!* Sua assistencia é visivel nesta instituição do Pontificado, o qual, celebrado o decimo oitavo anniversario secular de sua fundação, sempre perseguido, mas sempre triumphante, ahi está cheio de vida, tratando, com calma divina, dos mais altos interesses da humanidade.

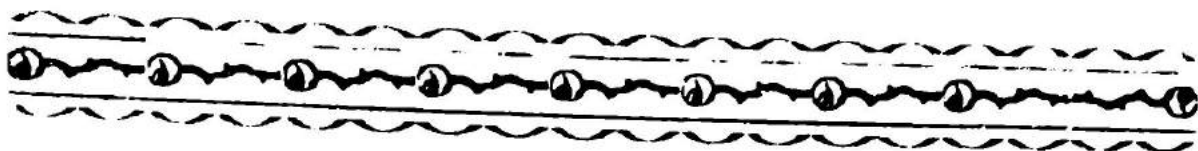
«*Carta Pastoral de D. Antonio de Macedo Costa—12 de Outubro de 1867—do bordo do vapor «Navarre».*»

---

(1) Math. XVI, 18.







## IV

# UM PAPA AVILTADO

**E**ntre os annos 304 e 310 estava sentado na cadeira de S. Pedro um santo Pontifice, governando o rebanho que Jesus Christo havia confiado a Pedro.

«Marcello», diz a historia, «romano de nascimento, occupou a Santa Séde durante os reinados de Constancio, Galerio e Maxencio. A cidade de Roma foi por elle dividida em vinte parochias, facilitando assim a administração dos Sacramentos do baptismo e da penitencia aos infieis que abraçavam a religião do Christo, e para que se pudesse tambem dar aos martyres o piedoso cuidado da sepultura.

«Informado o poderoso imperador Maxencio da actividade do Pontifice, irritou-se e mandou-o prender e comparecer perante o seu tribunal; ahí ordenou-lhe que renunciasse ao Pontificado e sacrificasse aos deuses, ameaçando-o com os mais crueis supplicios.

«Marcello desprezou estas ordens insensatas da voz humana, e respondeu que só adorava o verdadeiro Deus. O poderoso imperador condemnou-o a servir como escravo nas suas estrebarias.

«Alli viveu S. Marcello nove mezes, praticando o jejum e a oração, animando com suas cartas as parochias que já não podia visitar pessoalmente. Os

christãos empenharam-se, e puderam libertal-o deste serviço aviltante.

«Foi então hospedar-se em casa da bemaventurada Lucina que transformou em egreja, e alli se reuniam os christãos para orar e receber o divino ensino de Nosso Senhor Jesus Christo, transmittido pelo seu representante na terra.

«Maxencio, outra vez informado dos progressos que fazia o Christianismo, confiscou a casa de Lucina, transformou-a em estabulo para os animaes, e de novo condemnou Marcello ao duro e aviltante captiveiro de os servir.

«E no meio dos animaes, na miseria do mais cruel aviltamento, adormeceu no Senhor este santo Pontifice da Egreja de Christo, tendo occupado a cadeira de S. Pedro durante cinco annos, um mez e vinte e cinco dias.

«S. Marcello, na sua epistola aos bispos da provincia de Antiochia, já sustentava a primazia da Egreja Romana, dizendo que só a ella cabia o titulo de *cabeça das Egrejas*.»

Ahi temos a historia de um Papa dos primeiros tempos, a historia da vida apostolica da Egreja.

Que ambiente de serenidade e de misericordia aqui nos cerca! Que sentimento de força eterna! A casa de Lucina transformada em um templo de Deus vivo! A raiva anti-religiosa de um poderoso tyranno a transmuda em vil estabulo de animaes, para que a immundicie a conspurque; este estabulo vem a ser depois um dos templos mais augustos de Roma, onde ainda hoje se prostram de joelhos peregrinos do mundo inteiro: é a egreja de Santa Lucina!

Maxencio já conhecia a inutilidade dos tormentos e da morte. Todos os seus antecessores, desde Nero, tinham tudo exgotado para vencer o Christo-Deus e apagar-lhe o santo ensino. Cansaram as feras; os algozes cansaram! Os martyres cahiam ensanguentados nas arenas, e mil outros levantavam-se.

Uma força nova entrava no mundo, vencedora de todas as forças humanas.

Maxencio excogitou outro meio e, com a imbecillidade da força e do poder, disse: Aviltemos o chefe, nada pode resistir á desmoralisação do aviltamento! E esperou vencer!

O Christo-Deus já estava preparando o seu triumpho. Constantino, á frente do seu exercito, disputando o imperio, vê rutilar no céu a cruz vencedora, o Estandarte Real do Christo. *In hoc signo vinces!* O labaro do guerreiro o adopta. Constantino, vencedor de Maxencio, entra em Roma como seu novo senhor, e estabelece no seu proprio palacio o successor immediato do Papa S. Marcello.

O captivo de Maxencio, desprezando as loucas ameaças, affirmara o seu direito, o seu poder divino, a sua eternidade; e era o tyranno, o barbaro carrasco que o aviltara, quem ia morrer.

O Christo reina! o Christo é Deus!

Nem as feras nem os carrascos, nem o fogo, nem as cruces, nem os tormentos nem o suborno, nem as caricias, nem as infamias e os aviltamentos empregados com pertinacia puderam vencer o ensino divino, que fazia o seu caminho no coração da humanidade.

Esta arma do aviltamento, usada pelo imperador

Maxencio, ainda não foi abandonada, durante toda a vida da Egreja Catholica, nestes mil e novecentos annos decorridos.

Ainda hoje a julgam uma boa arma de guerra, e a vemos manejar com a mesma imbecilidade de Maxencio.

A raiva anti-religiosa apanha todas as lamas, as esterqueiras dos estabulos, as infamias torpes, e com ellas lambusam um sem numero de Papas, de bispos e de padres, esperando assim vencer, com o aviltamento, este eterno Christo, que tanto os incommoda, sempre presente na humanidade.

Todos os dias, nos livros, nos jornaes, nos telegrammas, com os milhares de boccas da imprensa, mettem na estrebaria de Maxencio a Egreja Santa, os seus augustos chefes, para macular a sua santidade, o seu sacerdocio de misericordia e de amor, para anniquilar o seu ministerio salutar.

Não cansam de atirar estas lamas e esterqueiras! Querem ainda, como o imperador Maxencio, nellas afogar o sacerdocio, o pontificado, e o proprio Jesus Christo!

Embebidos ainda na louca esperanza de vencer, e provar assim que Elle não é Deus, mais fazem elles fulgurar-lhe o poder divino, quando Elle affirmou a Pedro:

*«Tu és Pedra e sobre esta Pedra fica edificada a minha Egreja!... Ninguem a poderá abalar; nem todas as forças reunidas do inferno contra ella poderão prevalecer.*

E a estulticia humana, na cegueira do seu oçlo,

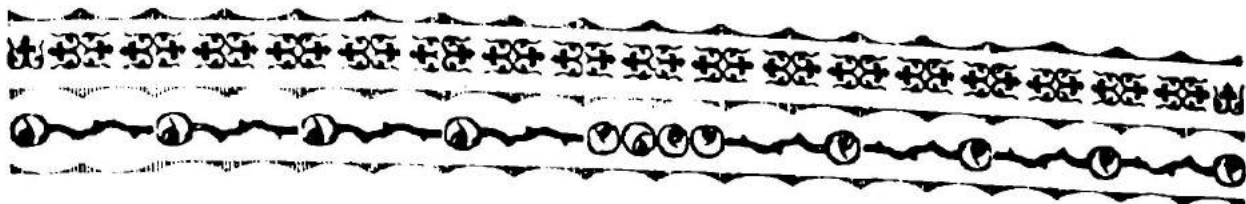


se tem vindo, seculo a seculo, fazer-se esmagar sobre esta Pedra angular que o proprio Deus cimentou.

O' Maxencios de todas as epocas! grandes ou pequenos Maxencios, dizei-nos : Se apesar das esterqueiras de vossas estrebarias, se apesar das misérias e infamias com que enlameaes a purpura dos representantes do Christo Rei, e as vestes do seu sacerdocio, se estes pontifices resurgiram vivos das esterqueiras, e continuaram a sua divina missão no mundo:—se o Christo está vivo, apesar de tudo isto, no coração da humanidade: não é isto o attestado mais evidente, que faz fulgurar, a cada seculo que se escôa, o maior dos seus milagres?! Não é dar assim o mais verdadeiro testemunho da sua divindade?!

O Christo é Deus! A sua Igreja é santa, o seu ensino é divino!





## A DYNASTIA DE S. PEDRO

**O** Christo Deus está sempre vivendo, está sempre presente, ensinando sempre na Igreja que fundou, para ser a unica guarda integral, a unica interprete infallivel das verdades por elle ensinadas.

Elle o disse, e assim se cumpre, porque a palavra de Deus persiste no tempo e na eternidade Na Igreja manifesta-se irresistivel a sua divindade, e a divindade da sua obra, por caracteres que nenhuma outra religião pode apresentar, e constituem a transcendencia do Christianismo.

Divindade que resulta ainda das predições e promessas feitas, garantindo-lhe a sua permanencia atravez dos seculos, realisando-se no tempo, apesar dos maiores obstaculos, que todo o poder humano, que todas as paixões humanas, que todos os odios humanos lhe têm querido oppôr.

Tudo isto constitue um milagre vivo e unico na historia, que só os cegos voluntarios não querem vêr, e se ostenta victorioso, anniquilando a negação da critica anti-religiosa.

*Religião decrepita*, disse um destes, ainda ha poucos dias, *cujos esforços de naufrago perdido bracejam em vão contra a razão universal que se ergue poderosa e avassaladora.*

Pedro acaba de morrer ainda uma vez em Leão XIII. Pedro está vivo em Pio XI.

Foi um ataúde que se abriu para receber mais um aggregado da materia que se dissolve? Ou foi a visão de um Thabor illuminado que se accendeu deante da Europa e da humanidade reverente?

O venerando ancião, com noventa e tres annos, recebeu de pé a mensageira que o ia apresentar ao Rei da Gloria, de quem na terra foi o representante. Com a serenidade d'alma de uma existencia immaculada, e de quem havia preenchido a sua missão divina, sem temor, porque a havia bem preenchido, o drama final da separação se faz de tal modo que nada se parece com o fim commum dos homens.

E mais um Papa, mais um vigario de Jesus Christo cinge a fronte com a Tiara symbolica, como Chefe dos Pastores, como Chefe da familia humana. E foi ainda uma vez o escolhido de Deus, enganando todas as previsões humanas.

Leão XIII foi mais um elo dessa gloriosa cadeia da dynastia de Pedro! A sua divisa: *Lumen in cælo* foi providencialmente indicada, para fechar o *seculo das luzes*, e abrir os porticos da nova era. Com uma gloria e um brilho que todo o mundo admirou, durante quasi vinte e seis annos, preencheu os seus dias na missão santa de guiar a humanidade, ensinando-lhe a verdade, a verdade que salva, apontando-lhe a luz que illumina!

Já não havendo os monarchas catholicos, como o Grande Carlos, o fundador do imperio do Occidente, para lhe tributar homenagens filiaes, viu Leão XIII —coisa mais admiravel ainda!—reverente ante a sua

suprema auctoridade, procurando conquistar-lhe a estima, os mais poderosos monarchas da Europa, e do mundo, embora professando seitas adversas! Nunca viu Roma tamanha affluencia de representantes de todas as raças, de homens de todas as zonas, vindo testemunhar o seu amor filial ao Chefe Augusto da familia humana!.

*Religião decrepita! bracejando contra a razão universal!*

Foi elle quem venceu e domou o chanceller de Ferro da poderosa Allemanha, que já havia humilhado a poderosa França. As medidas de perseguição contra o Catholicismo, o Kulturkampf, ficaram nas secretarias do Estado, e o Augusto Chefe da Igreja Catholica era o escolhido pelo mesmo principe de Bismark, como arbitro, na questão das ilhas Carolinas entre a Hespanha e a Allemanha!

No seu pontificado, glorioso e fecundo, vê-se a diffusão admiravel da seiva catholica aviventada por uberrimo vigor, na Allemanha racionalista, que caminha, a passos largos, para o Catholicismo, que com o partido mais forte já se assenta no seu parlamento. Na Inglaterra estão as diversas seitas evoluindo e cada vez mais approximando-se do tronco divino, de onde desligaram-se. A Hierarchia Catholica é alli cercada de respeito e de veneração,

A livre America do Norte, o Yankee progressista, que nos arrojados emprehendimentos serve de exemplo ao velho mundo, envia-lhe respeitosas embaixadas para tratar das questões politico-religiosas dos seus dominios. O estabelecimento da Hierarchia Catholica na Escossia, na Bosnia e Herzegovina, na Algozia, na India occidental, no Japão e no Mexico, a recon-



ciliação das egrejas schismaticas do Oriente; a criação de cerca de 250 novas dioceses, sendo: 2 patriarchados, 14 arcebispados, 113 bispados, 15 vicariatos apostolicos, e 25 prefeituras...

*Religião decrepita! naufrago perdido bracejando contra a razão universal que se ergue poderosa e avassaladora!...*

D'aqui a dez seculos haverá algum doutor qualquer, porque sempre houve e haverá, que, influenciado por outro Morin qualquer daquelle tempo, incluirá mais este glorioso Pontifice na serie dos assassinos, envenenadores, tyrannos, sedentos de sangue, despejando ainda o mesmo vocabulario insultuoso e infamante, e com a mesma segurança repetirá, como já tem sido muitas vezes repetido nos seculos precedentes: *Religião decrepita! naufrago perdido!*

Os Papas, desde S. Pedro, ouviram e soffreram tudo isto de Nero e de todos os imperadores romanos que os condemnavam á morte por incendiarios, por antropophagos, por inimigos da sociedade, etc. etc. Depois vieram os *Escriptores*, desde Celso e Porfirio nos primeiros seculos, até Voltaire no XVIII.—No nosso tempo, estamos vendo, não faltam Morins, Lanfreys e Villasboas, que abrem as torneiras da tinta preta, para afogarem a Igreja de Deus na diffamação.

Faina ingrata esta dos diffamadores, que substituíram os carrascos dos Cesares! Trabalham ha dezenove seculos, com uma devoção incansavel, recitando os mesmos insultos, revivendo as mesmas calumnias, atirando as mesmas lamas da estrebaria, onde o imperador Maxencio condemnou a morrer o Pontifice S. Marcello, e neste trabalho insano, proclamando

sempre o seu triumpho, a victoria da *razão universal que se ergue poderosa e avassaladora!*

E vão cahindo as corôas, derruindo-se os thronos mais bem consolidados, extinguindo-se as dynastias mais poderosas; esbroam-se os imperios mais bem providos de exercitos, e — coisa singular, extraordinaria! — a Tiara augusta conserva-se firme sobre a fronte mais insultada!

Que é feito do Imperio Romano que foi o senhor do mundo? Onde o poderoso Imperio byzantino? Que fim levou o Santo Imperio do Occidente? A que está reduzida a Republica de Veneza, a soberba Rainha do Adriatico?

A Egreja de Deus já os viu passar todos, e todos, mais ou menos, intentaram subjugal-a.

Onde estão as dynastias dos guerreiros merovingianos e carlovingianos?

Mostrae-nos um só membro dos Capetas, que contaram tantos soberanos e tão poderosos! Onde os Bourbons que se assentaram em todos os thronos da Europa? Onde os Plantaginetes da Inglaterra? E tantos, e tantos outros?...

A dynastia de Pedro, que do Christo recebeu o poder de governar, de reger, de ensinar, é a dynastia de Christo na terra. Esta não extingue-se, nem extinguir-se-á jamais. Pio XI está hoje assentado na cadeira de S. Pedro!

O Papa é um homem, dizem, o Papa morreu!

«Pedro não morre!» diz o grande Bispo de Tulle. «Vê-se apenas um homem fragil, Simão; mas o Christo lhe disse: *Tu és Pedra*; não diz: *Tu serás pedra*, tu serás semelhante á pedra. Não! Mas sim: *Tu és Pedra*.

Elle o cria, elle o constitue Pedra.

Sobre esta Pedra divinamente solida, miraculosamente indestructivel, o Christo fundou a sua Igreja».

Só esta palavra de Christo-Deus pode explicar o milagre prodigioso da resistencia dessa Pedra durante dezenove seculos.

Durante estes dezenove seculos Pedro repete todos os dias na Igreja universal, com a mesma firmeza, a confissão de sua Fé: *Tu és Christo!*

Durante estes dezenove seculos todo o poder do odio do inferno contra elle desencadeado, tem sido vencido. *Tu és Petrus!*

«Agora», escreveu uma penna das mais illustres, «elles veem a Igreja e dizem: *Ella vai morrer, e d'aqui a pouco lhe desaparecerá mesmo o nome; jamais haverá christãos, porque já não são deste tempo.* E enquanto assim dizem, vos vejo morrer todos os dias; e a Igreja ahi está sempre de pé, annunciando o poder de Deus a todas as gerações que se succedem.»

Desejaes saber por quem foram escriptas estas magnificas palavras? Foram escriptas, ha mais de mil e quatrocentos annos, por Santo Agostinho!

Estamos vendo, portanto, que faz já mil e quatrocentos annos que a Igreja está para morrer, e que certos *doutores* do tempo de Santo Agostinho já se alegravam de ver a religião decrepita, naufrago perdido, afogando-se no mar da razão universal; ora como os taes doutores ainda hoje estão dizendo a mesma coisa, é forçoso confessar que a *Igreja não morrerá nunca, que o naufrago perdido jamais se afogará.*

A' vista deste estupendo milagre historico, que *estamos vendo na sua realidade*, que *estamos materialmente sentindo* na presença de novo Pontifice da Igreja de Deus, que *podemos medir* na extensão dos seculos já decorridos, dizemos com a Igreja universal:—*Tu és o Christo, Filho de Deus!*

E a humanidade continuará dizendo sempre:

*Credo in Unam Sanctam Catholicam et Apostolicam Ecclesiam!*







## VI

# OS MARTELLOS E A BIGORNA

**N**ós catholicos, nenhuma duvida temos na perpetuidade da Egreja, promettida por Jesus Christo-Deus, e esta perpetuidade é tambem mais uma prova evidente da divindade do seu Fundador, prova que podemos verificar com o melhor criterio scientifico, porque é um facto historico, permanente atravez dos seculos.

Todas as forças contra ella se levantaram, contra ella agitaram-se povos, moveram-se os mais poderosos exercitos, e impavida, inconcussa, sustentando a Cruz salvadora, ella tem visto baquear os thronos e dynastias mais bem assentes, ora atravessando oceanos revoltos e sangrentos das mais temerosas revoluções, ora vencendo obstaculos oppostos pela politica desconfiada ou inimiga. Em roda tudo passa e tudo morre.

Mas a Egreja de Jesus permanece incolume, immortal, victoriosa sempre.

*Christus vivit!* O Christo vive na sua Egreja e mantem as suas promessas.

Ainda nos nossos dias, estamos vendo desfraldados e em campo varios pendões orgulhosos, contando á sua sombra numerosos combatentes, movendo á Egreja a mais renhida luta. Lá se desdobra o estan-

darte soberbo que se diz da sciencia, e os seus combatentes, nas escolas, nas universidades, nos livros e nos jornaes, multiplicam os golpes que elles julgam mortiferos. São numerosos os seus batalhões, que se denominam Positivismo, Transformismo, Determinismo, Monismo, Polytheismo, Racionalismo, Liberalismo e muitos outros, senão accordes entre si, unidos, porem, quanto ao fim: rasgar a purpura divina de Jesus Christo, e anniquilar-lhe a Igreja.

Alem se desfralda o pendão negro que tem por symbolo o Triangulo, em contraposição á Cruz. A França catholica está hoje debaixo do seu poder. Acompanhando as suas flammulas, vemos o Protestantismo, já deluido nas suas crenças, procurando amparar-se de suas forças para conquistar algumas consciencias irresponsaveis.

Luta temerosa ingente que ficará tambem na historia deste XX.º seculo.

Quem vencerá?

Vencerá Aquelle que sempre venceu! Aquelle que disse e podia dizer: *Eu venci o mundo!*

Não era um simples mortal quem o disse. Era Jesus, o Filho de Deus, que dispunha de todo o poder. Nenhum homem, nenhum impostor ousou dizer taes palavras. Na bocca de Jesus era a palavra calma que irrompia da sua divindade, e que ainda hoje nos atesta que Jesus é Deus.

Elle communicou á sua Igreja esta resistencia da divindade.

Não sei que escriptor egregiamente disse: «A Igreja catholica é uma bigorna que tem gasto todos os martellos.»

Estas duas linhazinhas resumem, nessa imagem tão apprehensivel e tão viva, uma das mais fortes provas da divindade do Catholicismo.

Famosos martellos foram realmente os Tiberios, os Neros, os Dioclecianos, os Decios e todos os Imperadores romanos com todo o poder de que dispunham como senhores do mundo.

Poderosos martellos foram depois os imperadores de Bysancio; todos os Julianos passaram, cahiram, e, ainda raivosos na sua impotencia, clamavam: Venceste, Galileu!

Vieram ainda os poderosos imperadores do Santo Imperio: Henrique IV, Frederico o *Barba-roxa*, Frederico II, todos senhores de exercitos poderosos. Vieram os Philippe I, Philippe o *Formoso*, Luiz de Baviéra, João Sem-terra, Henrique VIII da Inglaterra!

Estes eram a força, eram o poder, eram exercitos aguerridos que se moviam; por onde passavam, deram o terror e a desolação.

«Para Roma! Vamos ver quem vence!» Elles passaram, e a cadeira irradiante de S. Pedro ficou no mesmo lugar, e a santa Igreja está viva!

Não basta? Quereis agora ver em acção as forças vivas das paixões e dos odios sectarios? Quereis ver em acção os reformadores dessa Igreja de Jesus?

Martellos cyclopicos foram os Arios, os Nestorios, os Mahomets, os Lutheros, os Calvinos!

Herculeos martellos forneceu o seculo XVIII nos famosos encyclopedistas. Só Voltaire escreveu cerca de 60 volumes! Todo o philosophismo desse seculo esgotou pipas de tinta negra em toneladas de papel ao grito de: «Esmaguemos o Infame!»—Era Jesus Christo, era o Catholicismo!

Famosos martellos forneceram elles, que funcionaram, raivosos e activamente, durante os dez annos da primeira republica. Nem com a tinta, nem com o sangue mataram o Catholicismo!

Possantes martellos foram os ministros que punham á frente dos governos: Pombal, Choiseul, D'Aranda...

Napoleão o Grande, que dominava a Europa, tambem quiz ser martello. Passou elle, passaram aquelles, como já passaram todos.

Deus está escrevendo ainda na actualidade um novo argumento em favor da divindade de sua Egreja.

Formidaveis martellos têm sido forjados e temperados nas officinas das sociedades secretas da Europa. Todos elles com o melhor ardor, com as melhores e mais poderosas forças, estão, ha quasi um seculo, batendo em vão na velha Bigorna. Desde o illuminismo bavarô até a Internacional, o carbonarismo e o maçonismo judaico, todos filhos bem educados pela *Maçonaria*, têm sido esgotados rios de ouro, rios de tinta, rios de sangue, para anniquilar este Catholicismo sempre vivo.

Formidavel martello foi ainda Bismark que, com duas martelladas, esmagou a França e a Austria. Bismark passou e a Egreja de Jesus Christo está viva na Allemanha !

Malhos bem temperados têm sahido das officinas do carbonarismo na Italia: Cavour, Mazzini, Garibaldi e Crispi. Todos passaram, e S. Pedro está vivo na sua cadeira vinte vezes secular !

A Maçonaria em França, desde 1789 até a epoca actual, tem cansado de levar até as suas fronteiras,



despindo-os d'alli, Deus, o seu sacerdocio, os seus apostolos... Cansou as suas guilhotinas, como Nero cansou os seus tigres e os seus leões, e a Igreja Santa está viva no seio da familia franceza. (1)

Mister é que seja de boa liga e forjada por mãos divinas a Bigorna que tem resistido durante vinte seculos a tão poderosos martellos.

A mim, basta-me esta lição da historia para racionalmente me firmar na crença da divindade de Jesus e da Igreja Santa que elle fundou para salvação dos homens. «Eu venci o mundo! As forças infernaes não hão de prevalecer!» E estas palavras estão de pé!

Deus está com a sua Igreja, como prometteu. Sua assistencia é visivel, e só a cegueira das paixões ou da maldade não a vê. Sempre perseguida, sempre batida por todas as forças vivas do odio que não cansa, mas sempre triumphante, vendo passar as gerações e os imperios, ella abi está, a Igreja Santa e Apostolica, cheia de vida e de vigor no coração dos filhos do Cruzeiro. Ella lá está na plenitude da acção, tratando, na cadeira augusta de Pedro, com calma divina, dos mais altos interesses da humanidade.

---

(1) Ainda agora está a Franc-Maçonaria franceza, dominando no governo, esgotando as suas forças contra a vitalidade da Igreja. Ha cem annos passados era a guilhotina sangrenta, decepando cabeças ao sceno de Saint-Just, hoje é a guilhotina da lei, extinguindo a milicia pacifica da Igreja, banindo as Ordens religiosas, os institutos benemeritos que se devotavam ao ensino e á instrucção do povo, no cuidado caridoso e carinhoso da velhice, da pobreza ou da infancia desvalida. Tudo isto para fóra!

A Igreja d'aqui a pouco rezará o *De profundis* sobre a tumba de Combes e todos os seus legisladores clerophobos, como já o rezou sobre a tumba de Juliano, faz já quinze seculos!

E o mesmo grito de raiva se fará ouvir: *Venceste, Galileu!*

Internacionaes e illuminados, solidarios e positivistas, materialistas, voltairianos e carbonarios, maçons de todas as officinas de Hiram e de Misraim, philosophos de todas as escolas, spinosistas, socinianos, hegelianos, fatalistas, atheus, livres pensadores de todos os matizes, todos passarão, como já passaram todos os seus predecessores.

Parece, é verdade, abandonada a Egreja de Jesus no seu Calvario de ignominias! Todas as forças estão contra ella e a insultam! E não se vê um só Constantino, nem um só Carlos Magno sobre um throno que lhe sirva de braço exterior. Não ha uma só bandeira que ampare com a sua sombra a Tiara do Pescador!

Deus não precisa do braço ousado do homem, e quando elle quizer o braço forte, fará rutilar a sua Cruz, desdobrará alto o seu estandarte real, e o mundo paganisado cahirá de joelhos. *Fulget Crucis mysterium!*





## VII

# CHRISTUS VIVIT!

**I**DE! ensinae a minha doutrina a todas as nações!  
*E eu estarei comvosco, todos os dias, até a consummação dos seculos!*

Nestas palavras de Nosso Senhor Jesus Christo, como em todas as outras que Elle pronunciou, como na resurreição do cadaver de Lazaro, que se levanta vivo da podridão do sepulchro, vemos, até com a nossa simples razão, lampejar a sua divindade.

Nenhum outro homem, nenhum fundador de falsas religiões mostrou nunca essa audaciosa confiança no seu poder. *Ide!*—é ordem soberana, ordem de quem se julga com o poder absoluto. A promessa que se lhe segue é ainda mais descommunal para um simples homem, que a veria logo desmentida.

Vejamos agora os agentes, os meios de que se servia Jesus para tão extraordinario empreendimento.

Uns pobres homens, rudes pescadores de um lago, sem letras, sem sciencias, sem dinheiro e sem armas... a elles diz Jesus: *Ide! e ensinae a minha doutrina, não só nas vossas cidades, não só na vossa nação* *Ide!* é mister franquear todas as fronteiras. *Ide! ensinae a minha doutrina a todos os povos, a todas as nações do mundo!*

Jesus Christo é Deus! Nenhum ente humano, nem

dispondo do maior poder, nem sentindo os mais largos vãos da sua intelligencia, manifestou nunca semelhante pretensão, que está fóra do alcance do homem.

E os mensageiros divinos, cheios de uma divina confiança, entraram pelas aldeias e pelas cidades, franquearam valles e montanhas, passaram todas as fronteiras, e até na culta Athenas, que se comprazia ouvindo Platão, Socrates, Aristoteles, e até na cidade Rainha, a Roma dos Cesares, que se deliciava com a eloquencia de Cicero e com os versos de Virgilio, foram elles levar a mensagem, o Evangelho novo que haviam recebido, de quem? de Jesus! um crucificado na cruz infamante, por sentença das justiças dos Cesares!

E hoje, mil novocentos annos depois, nós e o mundo todo, que recebemos esta mensagem de graça e de salvação, nos prostramos ainda deante da Cruz e deante de Jesus Christo nella crucificado, e com a fé e a confiança que nos enche o coração, lhe dizemos: Tu és meu Senhor e meu Deus!

A verdade historica destes dezenove seculos decorridos vem ainda patentear-nos e mostrar-nos com evidencia que a doutrina prégada e ensinada pelos mensageiros de Jesus é divina e não humana! Ella tem sahido victoriosa de todas as perseguições, de todos os obstaculos que tem querido impedir-lhe o passo, durante todo o curso de sua existencia dezenove vezes secular.

Foi logo todo o poder cruel dos *divinos* imperadores romanos, os senhores do mundo, que durante duzentos e cincoenta annos a quiz afogar no sangue de seus martyres.

E o Labaro divino, o Estandarte real se implantou



finalmente no Capitolio! O pharol da divina luz estava acceso no centro do mundo! A Igreja, a *columna do firmamento da verdade*, estava firme sobre a *Pedra*, em que Jesus a havia cimentado! O Christo reina! o Christo vive!

Foram logo depois as heresias, patrocinadas pelos poderosos Imperadores de Bysancio, e por outros príncipes reinantes, intentando alterar-lhe o character primitivo e os dogmas essenciaes. Foram lutas colossaes da razão humana contra o ensino divino! E as heresias dos gnosticos, dos manicheus e marsionistas, os nestorianos, os eutychianos, os arianos e donatistas jazem no pó da historia.

Jesus Christo é Deus! O seu ensino é divino!

Ah! vem as ondas indomaveis do oceano barbaro! E lá floa afogado em ruinas o potente colosso do imperio romano e toda a sua cultura intellectual e requintada civilisação!

E a Igreja divina, solida na base que o Senhor lhe havia dado, promettendo-lhe a perpetuidade atravez dos seculos, apparece irradiante, doma a barbaria e della forma as nações civilisadas da Europa! Attila morreu todo inteiro. S. Leão, o Papa, que foi a seu encontro! está vivo em Pio XI! Jesus Christo é Deus! O Christo vive!

Os imperadores e os reis, successores do Grande Carlos, o fundador do imperio do Occidente, com os mais poderosos exercitos, intentam curvar-lhe a auctoridade espiritual sob o sceptro dominador que elles impunham. Baldado esforço! *Eu estarei convosco*, tinha dito Jesus! E a Igreja divina triumphou. Ella diz aos imperadores e aos príncipes: As tuas purpuras, as tuas corôas de ouro e diamantes te farão mais

pesadas as contas deante do Juiz supremo que tudo vê e nada esquece! Aos povos ella ensina as sublimas virtudes do sacrificio e da obediencia!

Jesus Christo é Deus! O seu ensino é divino!

Depois do immenso desastre da heresia de Lutero, protegida e abraçada por quasi todos os principes e poderosos, ella apparecia como nunca, mais firme, rejuvenescida e cheia de vida! E o Protestantismo se dilue e se desfaz, dia a dia, nas suas innumeradas seitas, já sem consistencia, já sem vida, solapado nas bases pelos seus proprios theologos e philosophos, os Spinosas, os Paulos, os Wolfs, os Straus; na Inglaterra, pelos Tolands, Bolingbroks, Chubbs, Wolstons.

O Catholicismo está de pé na firmeza de sua unidade. Pedro é a pedra inabalavel que Jesus lhe deu por fundamento.

«E todo aquelle que cahir sobre esta pedra, nella se quebrará; sobre quem ella cahir, ficará esmagado» (1).

Jesus Christo é Deus! O Christo vive!

Nem os ingentes esforços da incredulidade raivosa do seculo XVIII, nem Voltaire, nem Diderot, nem Holbac, nem d'Alembert—puderam impedir-lhe os passos.

Desencadeou-se então a tremenda borrasca da revolução franceza que varreu o nome de Deus do solo da França; e poucos annos depois... escrevia o genial Chateaubriand o *Genio do Christianismo*, um hymno de louvores ao Ensino divino!

Jesus Christo é Deus!

---

(1) Math. 21, 44.

Nenhuma instituição humana poderia resistir, e sahir de uma só destas tremendas provações.

Agora mesmo, abramos os olhos, o que vemos? A Igreja Santa, á sombra de Labaro invicto, onde se vem recolher os mais respeitaveis cultores das sciencias, das lettras e das artes, resistindo com a mesma galhardia no campo da luta que lhe movem o racionalismo e o naturalismo da falsa sciencia materialista. As mais poderosas aguias da razão humana têm quebrado suas garras de aço nesta pedra angular e cahido exaustas na valla da corrupção. Que pavor pode causar entre nós o vôo incerto e dondejante de loucas andorinhas, que não conhecem Deus, querendo ferir com suas bicadas e com o roçar de suas leves azas—a Fé divina, o ensino divino, que tem resistido durante mil e novecentos annos a tantos tigres de fauces insaciaveis, a tantas aguias de poderosas envergaduras!

Para atravessar toda esta serie de enormes perseguições, para vencer e dominar todas as paixões vencedoras, e os vicios dominantes do homem, para sahir illesa de tão renhidos combates, sem auxilio algum humano, sem os exercitos de Mahomet, é facto que está fóra de todas as leis da sociologia e da historia.

E' visivel que ha na Igreja Catholica uma força que não vem do homem, mas de Deus!—E' o maior dos milagres que a historia nos attesta, a mais evidente demonstração de que :

Jesus Christo é Deus! e o seu ensino é divino!

Enlameae, oh incredulos, na infamia quantos Papas vos aprouver, lançaes a nodoa do crime sobre os men-

sageiros de Jesus, sobre todo o sacerdocio catholico, mais contribuis para fazer brilhar o estupendo milagre!

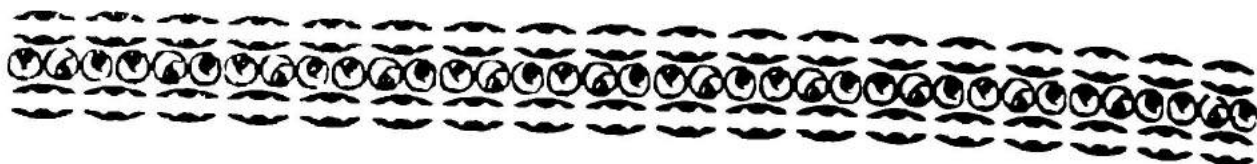
*E pur se muove!*

E apezar de tudo isto, apezar de todos os odios que intentam despil-o da tunica divina para o cobrirem com o manto elegante de um *louro Nazareno*, mais refulge-lhe a divindade nas manifestações do poder, vencendo o tempo, vencendo o espaço, vencendo as paixões, conquistando os corações.

O Christo vive! O Christo impera! O seu Estandarte real está desfraldado sobre o mundo.







## VIII

# A EGREJA JULGADA POR SEUS ADVERSARIOS

**A** Egreja que Jesus Christo fundou para continuar atravez dos seculos a prégação do seu Evangelho, a Egreja que elle chamou *minha Egreja*, que fundou sobre Pedro, e teve as suas divinas promessas, nós, hoje, mil novecentos e dezenove annos depois destas promessas, ainda a estamos vendo destacando-se no quadro central do mundo. Ella ahi está, radiante de vida, incarnando ainda a idéa religiosa e social nos dois prodigiosos Pontifices que encheram, com seu nome, metade do ultimo seculo, que se chamaram Pio IX e Leão XIII, no piedoso Pio X, no grande pacificador Bento XV e no successor que ora se assenta na cadeira de Pedro, Pio XI. Mul respeitada, mais venerada, mais poderosa que nunca, ella abre os braços generosos para as Igrejas separadas que, longe della, afastadas do seu foco luminoso, definham sem seiva vivaz, comprando a vergonhosa autonomia, á custa de lamentaveis sacrificios, aos poderes da terra.

As suas fronteiras mais e mais se dilatam. Os seus missionarios intrepidos estão na Africa, na China, no Japão e nos outros vastos reinos da Asia. Apezar da morte certa que quasi constantemente os ameaça, lá estão os enviados em nome de Christo, no meio de todas aquellas populações adormecidas, ha quarenta seculos, na apathia physica e moral do seu

fatalismo, aniquilador, esperando a eterna apathia de seu Nirvana. Nas plagas mais remotas, nas ilhas mais inhospitas, onde quer que esteja gemendo o ser humano na degradação, lá se planta uma Cruz e lá ecoa o Verbo da regeneração.

Na culta Europa, são as intelligencias mais peregrinas, os cultores mais adiantados das sciencias que, cansados na esterilidade das philosophias materialistas, se acolhem ao seu fecundo seio que a todos satisfaz, e ahí vemos, nestes ultimos annos, os sablos como Pasteur e Ampère, os orientalistas como Lenormant, os litteratos como Francisco Coppée, Paulo Bourget, Huyssmann, os astrónomos como Faye, os physicos e mathematicos como Ostwald, Hermith, Cauchy, Hirn, Boussinesy.

Outros, tambem eminentes e esclarecidos espiritos do seculo, já não se contentam somente em contemplar de fóra esta Religião Catholica que satisfaz ás geniaes intelligencias de que mais se orgulha o pantheon scientifico e litterario da civilisação. Estes, timidamente ainda, se achegam até o seu limiar, não para transpôr-lhe já os umbraes, mas para contemplar-lhe, com admiração, a poderosa architectura dos dogmas, ou para reconhecer o benefico e prodigioso impulso, dado na civilisação dos povos, pela serie illustre dos seus Pontifices. Unanimes confessam todos que a idéa catholica, encarnada nos successores de S. Pedro, foi o elemento unico que vivificou as sociedades modernas e assentou-as sobre as bases juridicas, sociaes e moraes que ellas hoje têm.

Antes, porem, de expôr estes graves testemunhos, estes juizos insuspeitos, fale o odio cego e sectario, que tem esbravejado durante estes mil e novecentos

annos sem jamais cansar-se. Dizem hoje o que já dizia Luthero, ha cerca de quatro seculos, repetindo o que dizia o imperador Juliano ha dezeseis seculos, o que diziam Nero e os imperadores romanos desde os primeiros dias da Egreja. O erro não tem progresso virtual, repete-se em toda a sua crueza. Dizem assim:

«Se ha uma instituição digna de execração do genero humano, é o Pontificado. Este poder detestavel, nascido de usurpações audaciosas, sustentou-se pelo abuso da força, pela intriga, pelo manejo de todas as más paixões.

«A Edade-media, a epoca de seu maior apogeo, é tambem o tempo em que mais mereceu o odio de todos os nobres corações. Calcou povos aos pés, sancionou todas as tyrannias, empecuou com todos os obstaculos, durante seculos, o progresso da civilisação européa, e se ella (a Europa ou a civilisação?...) sahiu da barbaria, deve-o aos generosos esforços de alguns principes superiores a seu seculo, como os Henrique IV, os Frederico II, os Philippe o Bello, etc., que ousaram lutar contra a tyrannia sagrada que tanto tempo pesou sobre o universo.»

Não chamaremos, para desfazer um tal acervo de inverdades, a sciencia historica dos escriptores catholicos como Alzogg, Darras, Chantrel, o Barão d'Henrion, Cantu. Temos a sciencia historica dos adversarios da Egreja, professando doutrinas de seitas separadas, que vem render o seu testemunho leal e insuspeito a este Pontificado tão illustre quão benefico á humanidade.

Venha o historiador protestante, João Müller, chamado *Thucidido da Suissa*.

«Toda esta luz de que gozamos hoje, e que o

Europeu pelo seu genio activo e emprehendedor fará gozar a todas as partes do mundo, provam de haver uma hierarchia que ficou de pé depois da queda do imperio dos Cesares.

«Esta (a Igreja), por meio da religião christã, communicou ao espirito europeu, até então miseravelmente comprimido num circulo apertado, uma sorte de commoção electrica, pela qual, dotado de movimento e de expansão, chegou, depois de haver triumphado de muitos obstaculos, ao que vemos hoje.» (*Hist. de la Suisse*, liv. III, cap. I.) E o mesmo historiador na sua *Histoire universelle* diz ainda: «Sem os Papas nem Roma já existiria. Gregorio, Alexandre, Innocencio oppuzeram um dique á torrente que ameaçava a terra. *Suas mãos paternaes escoraram e ampararam a hierarchia e a liberdade de todos os Estados.*»

Fallmerayer nos dirá:

«A Igreja exerceu uma influencia civilisadora que nenhuma outra instituição tem egualado: nas suas doutrinas tem ella o principio civilizador mais elevado, o mais largo, o mais poderoso, o mais duravel do mundo moderno, que é uma criação sua, e por isto se diz sem contestação que a civilização europeia é essencialmente christã.

«Tudo na maneira de pensar e de obrar dos povos da Europa, e mesmo em seu modo de ser, desde sua infancia até o presente, *revela a influencia benefica do Pontificado.*

«O governo dos Pontifices Romanos soube formar nesta parte do mundo que habitamos, um pensamento europeu universal, e este pensamento é indestructivel.



«A despeito de todos os generos de divisão semeados pela diversidade dos espiritos e das crenças, pelo orgulho da sciencia e pelas inimizades, a direcção intellectual e moral, tomada na accepção mais larga da palavra, é sempre a mesma.

«Repulsão intima do systema byzantino, — necessidade de oppôr o espirito á materia cega, o movimento e a vida á immobildade glacial, a luz ás trevas, a civilisação europea, que nenhuma força humana poderá mais destruir.» (1)

E' Herder, que na sua obra *Philosophie de l'Histoire*, diz:—«E' com a maior justiça que o Pontificado pode dizer aos povos da Europa: — *Sem mim não serieis o que sois.*»

E um calvinista, o eminente historiador da *civilisação na Europa*, o sr. Guizot, nos ensinará:

«A Egreja (portanto os Pontifices que a representam) concorreu poderosamente *para formar o character e impulsionar o desenvolvimento da moderna civilisação*» (pag. 53). A Egreja exerceu sobre a civilisação europea uma acção muito benefica... mudando as disposições geraes dos homens (pag. 109). «Todos os elementos civis da sociedade moderna estavam na decadencia ou na infancia. Só a Egreja, ainda nos seus primeiros annos, se achava já constituida, só *ella* possuia, ao mesmo tempo, movimento e ordem, energia e regra, isto é, os dois maiores elementos de influencia. Já *ella* havia tambem agitado todos os grandes problemas que interessam o homem, e tratado todos os problemas da natureza. A sua influencia, portanto, sobre a civilisação moderna, *foi immensa*,

---

(1) *Œuvres complètes*, T. II. pag. 202.

*muito maior* do que lhe concedem os seus ardentes adversarios, ou os seus mais zelosos defensores. Pre-occupados em servir-a, ou em combatel-a a todo transe, só a consideraram no ponto de vista polemico, e não souberam nem julgal-a com equidade, nem medir-lhe a extensão (pag. 49).

«Do IV<sup>o</sup> ao XIII<sup>o</sup> seculo vê-se sempre a Egreja á frente da civilisação», diz elle ainda na sua *Hist. de la civilisation en France* (pag. 31).

A historia, estudada sem paixões pelos seus mais sabios cultores, que não seguem os ensinios da Egreja Catholica, vem, pois, nos dizer, com admiravel lealdade, que o Pontificado, a Egreja, foi a principal, a *única* propulsora da civilisação moderna.

Entremos em alguns pontos mais particulares.

«Não ha duvida», diz ainda o grande historiador da civilisação na Europa, o sr. Guizot, «não ha duvida que só a Egreja lutou obstinadamente contra os grandes vícios do estado social, por exemplo *contra a escravidão*. De toda a parte nos parece a evidencia que a Egreja empregou toda a sua influencia para restringir essa iniquidade. A prova disto é irrecusavel: a maior parte dos documentos e formulas de liberdade, concedidas em diversas epocas, fundam-se em motivos religiosos. E' em nome das idéas religiosas, das esperanças na vida futura, da egualdade religiosa dos homens que a liberdade é quasi sempre concedida.»

Em vez de dizer que os Papas eram tyrannos oppostos á liberdade dos povos, o liberal Gioberti escreve:

«Roma fez cahir pelos Papas as algemas dos escravos, quebrou o sceptro dos despotas, libertou as glebas, purgou o santuario, creou o municipio, en-

grandeceu as povoações, restaurou as cidades, protegeu as republicas e lançou as sementes dos progressos que seguiram-se.»

«O Papado é a unica grandeza viva da Italia», diz elle ainda; «foi o Papa o creador do genio italiano.» (1)

Lord Macauley, o erudito historiador da Inglaterra, anglicano, estadista de nomeada, estudando as causas que mais contribuíram para apagar as distincções de classes entre nobres e plebeus, entre senhores e escravos, pronuncia-se de modo seguinte:

«Sem contradicção possível, o espirito caritativo da moral christã é opposta ás distincções de classes; estas distincções, porem, são ainda mais particularmente odiosas á Egreja Romana, porque ellas são incompativeis com outras distincções essenciaes do seu systema. Ella reveste o seu padre com uma dignidade mysteriosa que lhe dá direito ao respeito do leigo, qualquer que seja a sua posição, e não admite que razões de nacionalidades ou de castas, excluam das funcções sacerdotaes. Estas doutrinas quanto ao character sacerdotal mitigaram não pequenos males que affligiam as sociedades. No nosso paiz este systema particular do systema catholico romano, *produziu durante a Edade media, numerosos e salutaes effeitos...*

«O primeiro protector que os inglezes encontraram na casta dos invasores dominantes, foi o arcebispo Anselmo. Nessa epoca em que o nome inglez era uma injuria, em que todas as dignidades civis e militares eram consideradas como propriedade exclusiva dos compatriotas do Conquistador, a raça espezinhada soube, com transporte de alegria, que um dos

---

(1) Gioberti, *Primato civile e morale degli Italiani*. Prologo.

seus, Nicolau Breackspear, tinha sido elevado ao throno pontifical.

«O testemunho irrecusavel de Sir Thomaz Smith um dos mais habéis conselheiros protestantes da rainha Isabel, nos convence da grande parte que tomaram os padres catholicos romanos na abolição da escravatura. Quando algum possessor de servos e escravos, na hora da morte, reclamava os sacramentos, os seus conselheiros espirituaes logo o adjuravam, se queria salvar a sua alma, *de emancipar os seus irmãos* por quem o Christo havia morrido. Serviu-se a Egreja com tanto proveito destes meios supremos, que alcançou, *antes da Reforma, a libertação de todos os escravizados no reino.*» (1)

\* \* \*

São estes já grandes serviços prestados pela Egreja e seus Pontifices e reconhecidos por insuspeitos historiadores, como os que acabamos de citar.

Vejamos agora os grandes e beneficos effeitos do poder temporal exercido pelos Pontifices na Edade-media, que é o chavão de todos os rabiscadores de artigos descabellados contra a Egreja.

Ahi temos *Ancilon*, lutherano allemão, homem de estudo e publicista de grande nomeada, que nos dirá:

«Na Edade-media, onde não havia nenhuma ordem social, foi o Pontificado que salvou o imperio da barbaria; elle estabeleceu relações entre as nações mais afastadas; era elle o centro commum, o ponto central para as nações isoladas, *elle se interpôz entre o oppressor e o opprimido*, e, unindo uns aos outros os

---

(1) Hist. d'Inglaterra, T. I.



povos pelos laços da alliança e da amizade, tornou-se a salvaguarda universal . . . » (1)

*Delecluse*, escriptor francez dos mais insuspeitos, diz tambem no seu estudo sobre *Gregorio VII*:

«E' mister estar obcecado de cegueira para não ver que, apezar das tentativas arrojadas dos Pontifices Romanos para firmar e estender o poder temporal da Santa Sé, domina sempre em todas as acções, escriptos e instituições da maior parte delles *um instincto admiravel de justiça* que não se encontra nas phantasias ambiciosas dos principes da terra seus contemporaneos. *Os Papas defenderam sempre os fracos e opprimidos*; mil vezes arriscaram-se com denodo para impedir que um soberano poderoso commettesse uma crueldade, uma injustiça, uma iniquidade, quando nenhum outro a isto se abalançava.

«A vida de Gregorio VII, *que amou a justiça e odiou a iniquidade*, como elle *tão justamente* confessava quasi á hora da morte, está cheia destas piedosas temeridades que o impelliam a reprehender com santa coragem o mais poderoso monarcha de seu tempo, porque *este principe era injusto e sem fé nas suas promessas*.

«Seguindo os traços deste Pontifice, vem logo Innocencio III, cuja severidade para com os reis *teve ordinariamente por alvo o aperfeiçoamento moral delles*; é ainda o soberano da Europa que teve primeiro a idéa de substituir as leis barbaras que regiam a Edade-media, pelo *grande acto que serviu de ponto de partida ao desenvolvimento da jurisprudencia que hoje reina*.—A abolição da sentença de sangue, a pro-

---

(1) *Tableau du système politique de l'Europe* — Introd. pag. 133, 157.

hibição dos julgamentos de Deus, os duellos judiciais, por meio dos quaes eram julgadas as causas segundo o uso feudal, são do reinado de Innocencio III, Pontifice muito versado no estudo e conhecimento das leis.

«Considerando, partanto, estas coisas sómente no ponto de vista temporal, é facil comprehender a *satisfacção e bem estar que sentiam as classes fracas, pobres, e tyrannizadas*, sob o governo ecclesiastico, que annullava, de alguma sorte, a força material e brutal dos principes, e estabelecia principios tendentes a fazer justiça a quem de direito, sem olhar nem á classe, nem se inquietar com o poder ou com a fraqueza dos que tinham um pleito a decidir. (1)

« . . . . Se consultarmos ainda a historia dos concilios do XI.º ao XV.º seculo, veremos sempre a acção pontifical constantemente empenhada em extinguir a simonia, a incontinencia, o luxo.

---

(1) Sir James Stephen, professor d'história na Universidade de Cambridge, na Edimburg Review, resume nestes termos o seu juizo sobre este grande Papa Gregorio VII que, se tem sido o mais atacado e o mais calumniado dos Papas, tem sido tambem o mais bem vingado e o mais bem justificado, pela sciencia historica dos impios adversarios da Igreja. Ouçamos, porem, ainda o professor da Universidade de Cambridge:

«O despotismo de Gregorio VII, quer o accussem ou não de inconsequencia, queria conduzir o genero humano, por impulsões moraes, a uma santidade mais que humana.

*O despotismo feudal que elle guerreava, procurava pelo contrario com a mais rigorosa logica, degradar os homens, fazendo delles animaes ferozes ou bestas de carga.*

Foi a luta do poder intellectual contra a força bruta, da instrucção contra a ignorancia da religião, contra as injustiças e as mais immundas concupiscencias. A Providencia havia designado aos Papas da Edade-media um posto que, se elles o abandonassem, a Igreja e a Europa teriam se affogado na mais vergonhosa e desesperadora escravidão.»

«..... Por isto, os Pontifices, apesar de suas pretensões excessivas como soberanos, *eram considerados como os defensores dos opprimidos, como os sustentáculos da justiça na Europa.*

«*Por isto o Pontificado tornou-se popular.*»

Ainda sobre Gregorio VII que é o duende de todos os regalistas e também alvo para os tiros de todos os liberaes, ouçamos o consciencioso e erudito historiador protestante Voigt:

«O poder politico tende naturalmente a ser um. Assim quiz Gregorio dar á Egreja uma perfeita unidade, pondo-a acima de qualquer outro poder... Chegar a este ponto, consolidal-o e fazel-o dominar em todos os seculos e em todos os paizes, tal era o alvo constante dos esforços de Gregorio e, segundo sua íntima convicção, o dever do seu cargo...

«Suppondo mesmo que elle teve, como a antiga Roma, idéa de dominar sobre todos os povos, ousar-se-ia por ventura censurar os meios que empregou, mormente se considerarmos que estavam *elles no interesse de todos os povos?*... Para bem julgar seus actos, cumpre considerar lhes os fins e intenções, cumpre examinar *o que era necessario no seu tempo.*

«Sem duvida, uma generosa indignação se apodera do allemão actual, quando vê o seu Imperador (Henrique IV) humilhado em Canossa; ou do francez, quando ouve as severas lições dadas a seu Rei (Philippe I). Mas o historiador que abrange os acontecimentos num ponto de vista geral, eleva-se acima do horizonte estreito do allemão ou do francez, *e acha muito ju.to o que foi feito*, bem que alguns outros o censurem... Os proprios inimigos de Gregorio são obrigados a convir que *a idéa dominante deste Ponti-*

*fice, a independencia da Egreja, era indispensavel para o bem da religião, e para a reforma da sociedade, e que para isso era mister romper todos os vinculos que até ahi encandeado haviam a Egreja ao Estado, com grande detrimento da religião.»(1)*

De um jornal inglez, tambem protestante, saem as seguintes reflexões:

«Bella soberania é a que os Gregorios e os Innocencios ousaram fundar sobre o pensamento... Nada acanhado, nada pessoal, nada barbaro naquella soberana dominação...

«Ella insultava, dizeis vós, os diademas dos reis e os direitos das nações, punha o pé soberbo sobre a fronte dos monarchas... *mas, era um immenso beneficio.* A força do espirito constrangia a força bruta a dobrar-se deante della; de todos os triumphos que a intelligencia tem ganho sobre a materia, é este o mais sublime».

«Dispondo das corôas», diz o protestante Coquerel, «os Papas impediam que o despotismo se tornasse atroz. Um Tiberio era então impossivel (na Edade-media), Roma o teria esmagado. *Os grandes despotismos chegam quando os reis se persuadem que nada ha acima delles:* é então que a embriaguez de um poder illimitado gera os mais atrozes crimes.

«Quando se abriam os diques do Norte e espraíaram-se sobre a Europa aquellas temerosas ondas devastadoras da feroz barbaria, quem a ellas se oppôz? quem domou aquellas almas bravias? quem as converteu em corpo social, cheio de moidade e de vida?»

---

(1) Carlos Voigt—*Vida de Gregorio VII*, T. II. Conclusão, pag. 456.



O douto historiador Guizot nos dirá ainda:

«E' claro e indubitavel que era preciso uma sociedade fortemente organizada, fortemente governada para lutar contra semelhante desastre, para sahir victoriosa de semelhantes cataclismos. Não é dizer muito affirmar que, no fim do quarto e no começo do quinto seculo, foi a Egreja que salvou o Christianismo, foi a Egreja com suas instituições, seus magistrados, seu poder que vigorosamente defendeu-se contra a dissolução interior do imperio e contra a barbaria; que ella conquistou e domou os barbaros; que foi o laço, o meio, o principio da civilisação entre o mundo romano e o mundo barbaro . . . Foi uma immensa vantagem a presença dessa *influencia moral*, dessa *força moral* que unicamente repousava sobre as convicções, as crenças e os sentimentos moraes, no meio desse diluvio de forças materiaes e brutaes que nessa epoca teria affogado a sociedade. Se a Egreja não existisse, o mundo inteiro estaria entregue á pura força material.» (1)

«Quando as hordas barbaras, umas sobre outras se impellindo desde os steepes da Asia, do Ural e do Altai até o Rheno, inundaram a Europa occidental e meridional, quem lhe foi ao encontro? quem os civilisou? A Egreja Catholica. Quem foi o feliz mediador entre estes brutaes conquistadores, godos, vandalos, suevos, alanos, burquinhões, saxões, francos, herulos, hunos e os povos conquistados? O clero, e principalmente o heroico episcopado catholico. Deante de quem esbarrou com seus exercitos, tomado de respeito, o feroz Attila, o *flagello de Deus*? Deante do Papa de Roma! deante de S. Leão!

---

(1) *Hist. de la civile en Europe*, Secç. II. pag. 49.

«Se o Christianismo não se envolvesse na politica, se os bispos não tivessem ingerencia no temporal, estaria morta a civilisação, e o genero humano teria retrogradado até Nemrod. A historia da origem da monarchia franceza especialmente está toda inteira nesta palavra de um sabio historiador inglez: *O reino de França é um reino feito pelos bispos.*»

Vamos fechar este pequeno estudo com chave de ouro.

Proudhon, um dos chefes do socialismo moderno, que intenta refazer a sociedade sobre outras bases, para quem nada é sagrado, nem na ordem religiosa, nem na ordem social, nem os direitos adquiridos, nem a fé, nem a familia; o chefe audacioso que escreve: — *Deus é o mal! a propriedade é um roubo!* — na introducção de seu livro: *De la Justice dans la Révolution et dans l'Eglise*, fala da Egreja do seguinte modo, e é admiravel ver como a verdade, pela logica, domina, ás vezes, o sectario intransigente:

«A Egreja crê em Deus», diz elle, «e ella crê melhor que nenhuma outra seita; ella é a mais pura, a mais completa, a mais brilhante manifestação da essencia divina, e só ella, pode-se dizer, sabe adorar. Ora, como nem a razão, nem o coração do homem, puderam ainda libertar-se da idéa de Deus, que é o proprio da Egreja, segue-se que a Egreja é indestructivel. Em todas as epocas, a Historia do genero humano acreditou, com unanime consentimento, que a sociedade havia de ter necessariamente por base a religião: que a fé theologal era a condição *sine qua non* da virtude, e que a justiça tem sua origem e sua sanção na divindade.—Ora, a analyse das idéas religiosas e a logica de seu desenvolvimento demonstram que, não obstante a diversidade dos ritos, todos os cultos

têm por fim resolver um só e mesmo problema; que não ha, por conseguinte, e não pode haver senão uma só religião, uma só theologia, uma Igreja; que a Igreja Catholica, finalmente, é a unica, cujo dogma, cuja disciplina, hierarchia e progresso, melhor realisa o principio e o typo theorico da sociedade religiosa, a unica, consequentemente, que têm direito ao governo das almas.

«A toda e qualquer objecção do livre exame, quaesquer que sejam os motivos de recusar a sua auctoridade secular, — ás revoltas do proletariado, a Igreja pode sempre victoriosamente responder, sem que seja possivel a uma alma crente recusar a sua resposta :

«—Credes em Deus? Credes na necessidade de uma religião?—Haveis de crer, por conseguinte, tambem na existencia de uma Igreja, isto é, de uma sociedade estabelecida sobre o pensamento mesmo de Deus, por elle inspirado, e apresentando-se como a expressão do dever religioso.

«Se dizels assim, se assim credes, sois não somente christão, sois catholico, apostolico-romano; confessaes o Christo e toda a sua doutrina; haveis de receber o sacerdocio por elle estabelecido; haveis de reconhecer a infallibilidade do ensino do Papa e dos Concilios; haveis de collocar a Cadeira de S. Pedro acima de todos os tribunaes e de todos os thronos; sois, em uma palavra, orthodoxo.—Senão, ousae dizel-o; porque então não é somente á Igreja que declaraes a guerra, é á fé do genero humano.

«Entre estas duas alternativas só ha lugar para a ignorancia e a má fé. (1)

---

(1) Vae com vistas ás seitas separadas, e a muitos catholicos tambem.

«E' forçoso confessar: ainda não achou-se até hoje uma nação que pudesse dizer:— Eu possuo em mim a justiça; farei os meus costumes; para isto não tenho necessidade de um ser Supremo, e mostrarei que não preciso de religião.

«O argumento subsiste; e, como no ponto de vista religioso, principio de todas as Igrejas, o Catholicismo é unico e acima de tudo o que ha de mais racional e de mais completo; a Igreja Romana, apesar de tantas e tão formidaveis defecções, é a unica legitima.»

••

Poderíamos encher assim um livro e não somente um capitulo. E' quanto nos basta, porem, para illustrar e corroborar a nossa fé nesta Igreja *Uma, Santa, Catholica*, Mestra fecunda da verdade, a quem deve a humanidade os maiores beneficios. Evo-cámos a sciencia historica, representada pelos seus mais graves, mais doutos, mais estimados cultores, todos do campo adversario; — todos elles, em admiravel unanimidade, pondo de parte os preconceitos das seitas que professam, vieram depôr o testemunho de sua sciencia e erudição, proclamando-a bemfeitora da humanidade e creadora dos bens que gozamos na civilisação actual, que é obra sua.

Ficaram tambem assim derrotadas e por terra as desconjuntadas construcções do odio, da ignorancia e da calumnia.

Esta Igreja que recebeu, até de seus adversarios, um tão harmonioso hymno de louvores, não pode deixar de ser a Igreja Santa, a verdadeira Igreja fundada por Jesus Christo, nosso Redemptor.







